



**“Como um pássaro  
a esvoaçar”:**

a literatura de autoria  
feminina como prática  
teórica e na sala de aula

**Jacob dos Santos Biziak**  
**Kátia Cilene S. S. Conceição**  
[organizadores]

**“Como um pássaro a esvoaçar”:  
a literatura de autoria feminina  
como prática teórica e na  
sala de aula**



Jacob dos Santos Biziak  
Kátia Cilene S. S. Conceição  
(Organizadores)

**“Como um pássaro a esvoaçar”:  
a literatura de autoria feminina  
como prática teórica  
e na sala de aula**



## Copyright © dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

---

**Jacob dos Santos Biziak; Kátia Cilene S. S. Conceição (Orgs.)**

**“Como um pássaro a esvoaçar”: a literatura de autoria feminina como prática teórica e na sala de aula.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. 154p.

**ISBN. 978-85-7993-461-2**

1. Estudos da linguagem. 2. Literatura de autoria feminina. 3. Sala de aula. 4. Autores. I. Título.

CDD – 410 – B-866

---

**Capa:** Hélio Márcio Pajeú (CC0 Creative Commons (pixabay.com))

**Iustrações:** Janaina Camargo Roncen e Manoela Viana Serpa

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

### **Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Nair F. Gurgel do Amaral (UNIR/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil)



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 - São Carlos – SP

2017

## PREFÁCIO

### **“Pássaros a esvoaçar”: a escrita feminina como experiência de “por vir”**

*O nó na minha garganta vai diminuindo. Palavras juntam-se, grudam-se, atropelam-se umas por cima das outras. Não importa quais sejam. Empurram-se e trepam uma nos ombros das outras. As isoladas, as solitárias acasalam-se, cambaleiam, multiplicam-se. Não importa o que digo. Como um pássaro a esvoaçar, uma frase cruza o espaço vazio entre nós. Pousa nos lábios dele.<sup>1</sup>*

Optamos por começar nosso gesto de leitura dialogando com as palavras do enunciador do romance *As ondas* (que também estão presentes no título deste volume), comumente considerado pela crítica como o mais experimental de Virgínia Woolf. Dessa forma, trazer esse diálogo reflete em diversos outros com que, acreditamos, vamos (des)tecendo nossa atualização discursiva por recurso a não só uma memória: a de uma das mais citadas escritoras quando a temática é a escrita feminina no Ocidente; a de uma escrita que prima pelos experimentalismos com a língua; a tão propalada relação entre masculino e feminino, que “Pousa nos lábios dele.”

---

<sup>1</sup> WOOLF, V. *As ondas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

Assim, estamos tentando pensar sobre as (im)possibilidades de uma escrita feminina, não no sentido de uma mulher poder escrever, mas, principalmente, nas implicações políticas e estéticas de se considerar tal conceituação como relevante aos espaços discursivos de circulação de saber.

Se Bakhtin<sup>2</sup> está certo, e se toda palavra é bivocal, ao trazermos “pássaros a esvoaçar” para esta obra, recuperamos um pouco do que já se disse sobre a literatura de autoria feminina e abrimos espaço para o por vir. Este, por sua vez, precisa manter seu caráter de impossibilidade, justamente para que os sentidos não se estanquem, mas voem, esvoacem. Não podemos nos esquecer de que enunciadores, pássaros presos nas gaiolas de linguagem (já que ninguém simplesmente diz o que quer nem como deseja, e todo ímpeto de controle é impulso neurótico rumo ao sequestro semiológico) não deixam de querer voar, de forma que as mesmas grades que prendem são as que abrem frestas para se espiar o lado “de fora”. Este, na verdade, é outra ilusão, já que o mundo que se acredita observar passa a compor o imaginário de que, de dentro da gaiola, se observa. Há sempre algo que não se pode conter, saturado, situado pelo olhar que não ocorre de qualquer lugar: eis a linguagem, selvagem, entre prisão e desejo de liberdade: “Palavras juntam-se, grudam-se, atropelam-se umas por cima das outras. Não importa quais sejam”.

Por meio desta analogia, cremos nos aproximar de nosso objeto de pensamento: a literatura de autoria

---

<sup>2</sup> BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

feminina. Falar sobre ela implica recuperar os já-ditos a respeito, uma vez que, sem eles, o dizer é impronunciável. Dessa forma, vale lembrar a divisão tradicionalmente apresentada, no contexto ocidental, a respeito da questão: a vertente estadunidense, que apoia um entendimento no qual é necessária uma mulher (e aqui pensamos até onde pode ser alargado ou comprimido o entendimento sobre as definições possíveis); a vertente francesa, na qual a avaliação consiste muito mais na prática da escrita e nas implicações desta com a construção de um corpo feminino que se dá graças àquela. Com este prefácio, pretendemos dialogar com essas duas vertentes com vistas a acrescentar algo mais à discussão.

Elaine Showalter<sup>3</sup> levanta a importância de a presença feminina também se fazer presente na teoria, de forma que esta seja construída fora de certo território masculino. Caso contrário, teremos a obra elaborada por escritoras sendo sempre analisada a partir de um viés masculinista de percepção das realidades; esta, por sua vez, comparece por meio de valores que não são *a priori*, mas situados em condições de produção históricas, sociais e ideológicas. Logo, a materialidade da linguagem – conforme entendida por Pêcheux<sup>4</sup> – comparece à apreciação da literatura, em qualquer nível na qual esta seja tornada possível. Com isso, a crítica feminista – ao lado da escrita feminina em literatura –

---

<sup>3</sup> SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. Trad. Deise Amaral. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

<sup>4</sup> PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. PÊCHEUX, M. *Ler o arquivo hoje*. Tradução Maria das Graças Lopes



deve se concretizar como ato de resistência, comunicando-se com as redes de poder que dão espessura à linguagem, nunca transparente. A autoridade da experiência, portanto, é fundamental, dado que não exclui a subjetividade e abre alas à evolução da teoria como dispositivo de leitura e enunciação no qual o político é reconhecido nas representações empreendidas pela língua em ação. Segundo a autora, derivariam disso dois trabalhos comuns e possíveis: um mais ideológico, no qual a mulher enquanto signo seria colocada como forma de interpretação sobre as imagens femininas na literatura; outro seria resultado de uma preocupação mais específica com a mulher enquanto escritora, a chamada ginocrítica.

Segundo Showalter<sup>5</sup>, toda crítica feminista, mais do que possível, é necessária, já que representa o poder revisionista sobre o já-dito no cânone crítico. Ainda assim, tal prática não pode se esquecer de seu funcionamento básico: só pode ocorrer a partir de modelos pré-existentes, devendo, logo, se tornar um exercício metalinguístico e metacrítico permanente para não se converter em “homenagem” ao masculino. Com isso, a ginocrítica, discursivamente, pode atuar como elemento de inverter hierarquias, colocando textualidades em novas redes

---

<sup>5</sup> Showalter, E. Op. cit., p. 28.

citacionais<sup>6</sup> de leitura, citação e circulação de enunciados<sup>7</sup>. O trabalho que se limita ao ataque à crítica masculina corre o risco de corroborar a dependência em relação a ela, que continuaria sendo colocada como padrão universal de saber. Pensando analogamente com Beauvoir<sup>8</sup>, urge que crítica e autoria femininas sejam pensadas para além do masculino, comparando não mais como possibilidades “segundas” em relação a este: isso não significa “começar do zero”, inclusive porque, do ponto de vista discursivo, é uma impossibilidade, uma vez que a sensação de ser origem do dizer é um dos esquecimentos que dão origem à enunciação<sup>9</sup>. Ao contrário, pensar o “segundo sexo”, talvez, seja uma prática estético-política porque faz com que formas de vida, de relação com o outro, sejam pensadas juntamente com as maneiras de se fazer os reais representáveis, perceptíveis e reconhecíveis. Tal funcionamento não significa anular a alteridade – ainda que na disseminação do que venham a ser masculinidades – mas dialogar ininterruptamente com ela, colocando a linguagem em hiância.

Então, voltando a Showalter<sup>10</sup>, coloca-se a necessidade de se repensar como encontrar respostas às questões da experiência, em que a crítica feminista deve encontrar seu

---

<sup>6</sup> DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Editora. Perspectiva, 1971.

\_\_\_\_\_. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 1997

\_\_\_\_\_. *Gramatologia*. São Paulo, Perspectiva, 2004.

<sup>7</sup> ORLANDI, E. P. “Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico”. *Rua*, Campinas, 4:9-19, 1998.

<sup>8</sup> BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª ed, 2009.

<sup>9</sup> Pêcheux, M. Op. cit.

<sup>10</sup> Showalter, E. Op. cit., p. 30-31.

assunto, seu sistema, sua teoria e sua voz. Parece-nos, então, que um dos pontos fundamentais de se acreditar na importância do conceito de escrita feminina – literária ou crítica – esteja na oportunidade de se refletir sobre como as realidades nos são dadas a ver e, a partir disso, buscamos os sentidos, algo possível somente na mediação com a alteridade. A ginocrítica consolidar-se-ia por ser uma redefinição do problema teórico da crítica feminista: a questão da diferença. O feminino, portanto, deve ser resgatado do estereótipo, sendo lido ora como opressão (crítica tipicamente inglesa), ora como repressão (francesa), ora como expressão (estadunidense). A diferença, sendo assim, vai sendo pensada por meio de definições que não devem ser excluídas umas em relação às outras, mas como oportunidades de fazer surgir o outro-não-pensado: modelo biológico, linguístico, psicanalítico e cultural. O corpo que enuncia, enfim, não pode ser desconsiderado, já que a crítica provém dele, sendo espaço discursivo de circulação de experiência e imaginação: as metáforas<sup>11</sup> da escrita não são inocentes; pelo contrário, elas são responsáveis pelo deslizamento dos sentidos, os quais podem ser outros inevitavelmente.

---

<sup>11</sup> “A paráfrase e a metáfora explicitam-se, pois, enquanto procedimentos de análise. Esta é, para mim, uma marca da especificidade da análise de discurso: ela introduz uma noção não linguística de paráfrase e uma noção de metáfora que não deriva da retórica, ou dos estudos literários, assim como uma noção de “memória” que tem suas determinações que não são psicológicas, cronológicas etc. A relação entre essas noções e o modo de procedimento da análise de discurso, ligando o que é estabilizado e o que é sujeito a equívoco, no movimento da descrição e da interpretação vai marcar profundamente os estudos da linguagem”. (ORLANDI, E. P. A Análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: *SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO*, 1., 2003, Porto Alegre. Anais do... Porto Alegre (RS): UFRGS, 2003. [CD-ROM]).

Ruth Silviano Brandão<sup>12</sup> – na prática de leitura da escrita feminina tida como de linha “francesa” – lembra algo importante também: o quanto a personagem feminina, criada no âmbito do pensamento masculino, não coincide com A “mulher”. Com isso, o texto literário, mistura de vozes que é (nem sempre em presença isonômica entre si), torna-se lugar do impossível, já que “mulher” seria mais uma tentativa de expressão de um desejo masculino, miragem. Daí as “mulheres” feitas por “homens”, suspensas entre aspas, funcionam a partir de equívocos e paradoxos, “passageiras da voz alheia”. Tal representação do feminino, então, opera por um desejo de posse que ocorre na linguagem, uma vez que funciona a partir da crença de que a língua é transparente, como se pudesse fazer coincidir miragem e “realidade”. A “mulher” de parcela expressiva da literatura ocidental, portanto, projeta-se como uma alienação de um desejo masculino no qual certo “eterno feminino” produz efeito de completude, uma espécie de ficção – já que toda (a) realidade o é – criada pelo horror da castração, simulacro de feminilidade que se naturaliza na cultura na ilusão do Um, que, na verdade, é dispersão.<sup>13</sup> Tal problemática recrudescer à medida que

---

<sup>12</sup> BRANDÃO, R. S. *Passageiras da voz alheia*. BRANCO, Lucia Castello e BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2004.

<sup>13</sup> Pensando com Lucia Zolin, não podemos nos esquecer que tais personagens femininas criadas em um imaginário masculino não são propriedade e nem praticadas discursivamente somente por “homens”: se acreditássemos nisso, faríamos a discussão cair em um essencialismo muito perigoso. Dessa forma, esse feminino é um efeito operado na linguagem; logo, pode ser atualizado pela enunciação de sujeitos que se identifiquem como “mulheres”. Isso quer dizer que, na literatura de autoria feminina, também há registro de autoras

acrescentamos outros pontos à problematização, como a interseccionalidade: com esta, gênero, etnia, classe social, por exemplo, são pensadas em novas relações.

A partir deste referencial teórico com que estamos dialogando até o momento, chegamos, enfim, ao que pretendemos refletir sobre a “escrita de autoria feminina”. Carla Rodrigues<sup>14</sup>, pensando com Derrida, entende o “masculino” para além do gênero enquanto marca sexual, mas como regime de pensamento marcado pelo falofonocentrismo: centrado na crença no masculino, na presença do sentido e na razão como única saída de explicação e valoração de qualquer realidade. O feminino, portanto, seria um regime de pensamento que aponta para as fissuras, as sombras, do universo racional masculinista, de forma que este não pode mais ser entendido como estável, único. Assim, a todo masculino corresponde um não-masculino (o qual não pode ser confundido com feminino, pois, se não, este continua sendo entendido por oposto binário àquele) que o antecede e faz funcionar, o que lhe atribuir caráter de indecibilidade. Sendo assim, não há significação definitiva, mas aquela que se constrói a cada enunciação e a cada ato de leitura: da mesma forma que não há origem sem relação a uma não-origem, que instaura a diferença (*differánce* derridiana). Estamos diante de uma crise contemporânea do pensamento do masculino; com

---

que ajudaram a recuperar um interdiscurso da ilusão de completude do feminino a que Ruth Brandão se refere.

<sup>14</sup> RODRIGUES, Carla. *Dois palavras para o feminino: hospitalidade e responsabilidade*. Sobre ética e política em Jacques Derrida. Rio de Janeiro : NAU Editora/Faperj, 2013.

isso, o feminino será um exercício e uma prática necessária e impossível, já que aponta para o “por vir”, aqueles sentidos que podem ser, mas ainda não são por questões hierárquicas, de poder, e não por qualquer natureza (a qual só pode ser mencionada enquanto efeito).

O que propomos ao leitor que inicia a leitura desta coletânea é tentar vislumbrar conosco, ainda que por relances que não podem durar para haver movimento nas reflexões, a literatura de autoria feminina para além de questões temáticas. Da perspectiva que assumimos até aqui, ela se funda, principalmente, em um uso da linguagem que assume suas falhas, sua incompletude, seus tropeços, autorizando-os como matéria-prima. Assim, talvez, a literatura feminina caracterize-se mais pelo funcionamento que propõe das línguas e das múltiplas linguagens a que venha se apropriar no processo de textualização. Isso é necessário para se apontar um uso outro da língua, irreduzível ao estabelecimento *a priori* de coerência e coesão canonicamente dadas pelas gramáticas, fazendo-se enunciar pelos mais diversos gêneros dos discursos – em especial, os marginalizadas na diacronia ocidental – primando pelos hibridismos não só no processo de textualização, mas como (im)possibilidade de “fazer sentido” e de se olhar para o mundo.

Portanto, fazer, ler e circular literatura de autoria feminina é, acima de tudo, oferecer aos sujeitos a possibilidade ética de uma hospitalidade incondicional ao outro, aceitando-o como irremediavelmente outro,

oferecendo-lhes, então, a responsabilidade infinita de produzir sentidos ainda por vir, impossíveis. A impossibilidade é a marca de uma escrita e de um pensamento femininos, no qual o não previsto, dialogando com o masculino, aparece e desaparece, em um movimento necessário de presença adiada e ausência que se impõe, para que o novo e o outro sejam condição e não exceção: não fraturas do espelho de Narciso, mas o próprio espelho onde se pode mirar.

Assim, acreditamos que esta coletânea possa ser um exercício dialógico para mais de uma experiência. Em primeiro lugar, com a leitura prazerosa, cujos olhos passeiam desconhecendo a chegada (e, se esta é desconhecida, todos os caminhos enunciativos servem). Em segundo lugar, pensando o trabalho a que alunos e professores se propuseram, horizontalmente, a pensar os limites e possibilidades da escrita feminina. Em terceiro lugar, como “por vir”: que esta coletânea abra para caminhos imprevistos, análogo ao pensamento do feminino, alimentando não só outras práticas de leitura, de escrita, de enunciação, mas também fazendo-nos pensar qual o papel que tal literatura de autoria feminina pode ainda desempenhar no imaginário que o funcionamento escolar ajuda a cristalizar na cabeça dos sujeitos, interpelados. Com isso, o “feminino” está para além de *Capitus*, *Luízas*, *Kareninas*, *Bovarys*, *Sinhás Vitória*s, mas é a própria possibilidade de o docente pensar uma “aula outra”, em que a alteridade intervenha não como o diferente, mas como

possibilidade do sujeito relatar a si mesmo<sup>15</sup>, despossuído do cânone como única saída do relato de si. Entendendo-nos, com a ajuda da literatura de escrita feminina, como desde sempre outros, despossuídos de nós mesmos, estamos prontos para sermos mais responsáveis pelo outro, enquanto irremediavelmente outro, assim como nós, habitantes de espelhos da imagem alheia.

Prof. Dr. Jacob dos Santos Biziak<sup>16</sup>

Palmas/Paraná, 14 de agosto de 2017

---

<sup>15</sup> BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

<sup>16</sup> Instituto Federal do Paraná, IFPR, Campus Palmas, Colegiado de Letras, Palmas, Paraná, Brasil – jacob.biziak@ifpr.edu.br. Pesquisador de pós-doutorado, projeto “A angústia que (não) se enuncia: um pensamento do feminino”, realizado em dois âmbitos: sob supervisão da Profa. Dra. Carla Rodrigues, no PPGF/IFCS da UFRJ, e, também, no IFPR, campus Palmas.





## SUMÁRIO

Bruna Vegini	
Universo feminino	26
Aliança (não tem) eterna	28
Chaiana Peruzzo de Oliveira	
O confessionário	33
Caixas de papelão	37
Claunice Pelentim	
Tornar-se mulher	45
Unidos pela esperança	48
Fernanda Guimarães Siqueira	
Ah! Mulher Negra	50
Vai...Vai...	53
Gabrieli Bitini	
Doce vil verme	58
Vou voltar	61
Jacob dos Santos Biziak	
Karaokê	62
Janaina Camargo Roncen	
O poema da sujeita	68
Coração natural	72

Kátia Cilene Silva Santos Conceição	
O Naziazeno	81
E era uma vez...	85
Karen Silva Santos Conceição	
(N)Ela	87
Dança da indecisão	88
Larissa Guimarães	
Infância	92
Mulher	93
Maikon Simão de Oliveira	
O cheiro de Oleandro	94
Como um ponto vermelho no mar	99
Rafaela Viana Serpa	
Tudo começou quando beijei aquela boca	105
Sempre admirei os olhos	108
Renata Ferreira Ribas	
Submersa no EU	111
De tantas Marias que conheci	112
Rodrigo Batista	
Relações divergentes	114
Mãecida	127

## Todas as Vidas

Vive dentro de mim  
uma cabocla velha  
de mau-olhado,  
acolorada ao pé  
do borrvalho,  
olhando para o fogo.  
Benze quebranto.  
Bota feitiço...  
Ogum. Orixá.  
Macumba, terreiro.  
Ogã, pai-de-santo...  
Vive dentro de mim  
a lavadeira  
do Rio Vermelho.  
Seu cheiro gostoso  
d'água e sabão.  
Rodilha de pano.  
Trouxa de roupa,  
pedra de anil.  
Sua coroa verde  
de São-caetano.  
Vive dentro de mim  
a mulher cozinheira.  
Pimenta e cebola.  
Quitute bem feito.  
Panela de barro.  
Taipa de lenha.

Cozinha antiga  
toda pretinha.  
Bem cacheada de  
picumã.  
Pedra pontuda.  
Cumbuco de coco.  
Pisando alho-sal.  
Vive dentro de mim  
a mulher do povo.  
Bem proletária.  
Bem linguaruda,  
desabusada,  
sem preconceitos,  
de casca-grossa,  
de chinelinha,  
e filharada.  
Vive dentro de mim  
a mulher roceira.  
-Enxerto de terra,  
Trabalhadeira.  
Madrugadeira.  
Analfabeta.  
De pé no chão.  
Bem parideira.  
Bem criadeira.  
Seus doze filhos,  
Seus vinte netos.  
Vive dentro de mim

a mulher da vida.  
Minha irmãzinha...  
tão desprezada,  
tão murmurada...  
Fingindo ser alegre  
seu triste fado.  
Todas as vidas

dentro de mim:  
Na minha vida –  
a vida mera  
das obscuras!

**Cora Coralina**

## INTRODUÇÃO

O livro aqui apresentado ao leitor partiu da vontade de propor uma avaliação diferenciada para um componente curricular optativo, Literatura de autoria feminina, ofertado no curso de Letras Português/Inglês do Instituto Federal do Paraná – Campus Palmas.

O componente curricular apresenta a seguinte proposta de estudo:

Marcas sócio-históricas da opressão; a ginocrítica e a crítica feminista como elementos de análise do texto literário; a confissão e os modelos líricos; história e memória na literatura de autoria feminina; leitura de textos relevantes para a compreensão da Literatura de autoria feminina; literatura e relações de poder; revide e transposição dos padrões femininos na representação da mulher na Literatura. (PPC Letras IFPR – Palmas, 2012. p. 126)

Esta foi a primeira vez que o componente foi ofertado aos acadêmicos, o que se deu no período de uma discussão muito importante que é a reformulação dos Projetos Pedagógicos dos cursos de Licenciatura que, entre diversos tópicos educacionais, debate a questão primorosa para os docentes que é a avaliação: como é feita, como poderia ser feita e quais seus objetivos para a formação profissional e humana dos acadêmicos.

Ao ministrar o componente, refletindo sobre este tema, de uma avaliação que fosse além da nota no currículo acadêmico, decidi propor aos acadêmicos como avaliação, produções ficcionais que abarcassem a temática do componente curricular e que, paralelamente às leituras e debates, essas produções pudessem ser avaliadas pelos próprios acadêmicos e, ao final, todo o processo fosse publicado em livro. A proposta foi aprovada de imediato e, apesar de alguns acadêmicos relatarem que se sentiam despreparados para a escrita ficcional, o desafio e inovação foram aceitos.

Durante os estudos acerca do tema do componente curricular, bem como a leitura e discussão de obras teóricas e literárias de referência para o mesmo, os acadêmicos produziram um primeiro texto ficcional. Este foi distribuído sem identificação na turma para que cada acadêmico pudesse ler, realizar uma breve análise e, com base nos estudos bakhtinianos sobre a relação da vida com a obra de arte, assim como as questões que remetem aos conceitos de gênero sexual, buscassem identificar o autor entre os colegas de classe, visando atender o que orienta a ementa do componente curricular sobre as questões de autoria feminina. Assim, buscou-se contemplar tanto a temática do componente, quanto as questões teóricas que envolvem o tema. Já mais para o término do semestre, os acadêmicos produziram outro texto ficcional, para que pudéssemos refletir sobre as mudanças de perspectivas teóricas e também ideológicas sobre o caráter de produção de uma literatura de autoria feminina.

Desta feita, esta obra ficou organizada com as produções de cada participante (acadêmicos e professora do componente curricular), que contemplam alguns gêneros literários, como o conto, o poema e a crônica. Estes estão dispostos no livro em ordem alfabética de seus autores, estando na sequência de algumas dessas produções, as análises resumidas feitas pelos acadêmicos. Algumas produções contam também com as considerações de seus próprios autores sobre o processo de produção da sua escrita ficcional; outras acompanham, ainda, ilustrações que remetem às questões abordadas sobre o universo da escrita de autoria feminina, identificadas nas produções pelas ilustradoras Janaina Roncen e Manoela Viana, nossa primeira leitora extraclasse.

Além dessas produções, contamos com um texto ficcional de um dos colaboradores da organização do livro, o professor Jacob dos Santos Biziak, quem também nos privilegiou com o seu prefácio. Além disso, ele foi um colaborador muito importante para o componente curricular, trazendo à baila os debates sobre os gêneros sexuais, sua especialidade, fornecendo elementos fundamentais para que pensássemos questões minuciosas sobre autoria feminina.

Finalmente, cabe ressaltar, nessa introdução, o desafio que este processo de avaliação significou para cada participante, uma vez que não somos profissionais das artes e nem escritores experientes de ficção. Porém, como o intuito era estimular a criatividade e a reflexão sobre o que caracteriza uma literatura de autoria feminina, bem como propor um processo de avaliação



que ultrapassasse os modelos vigentes, acreditamos ter conseguido o objetivo, chegando ao final do trabalho, com o componente curricular, satisfeitos e orgulhosos dos resultados derivados do esforço de todos os envolvidos.

É esta, portanto, nossa contribuição para as reflexões acerca do tema do componente curricular do curso de Letras do IFPR – Palmas, para que esta não se perca ao término de um semestre letivo e se enclausure no diário de classe em uma nota ou conceito.

Kátia Cilene Silva Santos Conceição<sup>1</sup>

Palmas/PR, 19 de agosto de 2017.

Às nossas Marias. Mulheres de coragem e de fibra.

(Kátia Conceição e Jacob Biziak)

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto Federal do Paraná, IFPR, Campus Palmas, Colegiado de Letras, Palmas, Paraná, Brasil.



Arte – Janaína Roncen

## Universo Feminino

Bruna Vegini

Ao olhar sua imagem no espelho,  
Ela já não se reconhecia.  
Seguiu os ditames que a mídia impôs,  
Acreditou na falácia do que deveria ser,  
Foi o modelo de mulher ideal.

Revelava uma aparência quase perfeita,  
Tudo construído em mesas cirúrgicas.  
O vestido justo realçava o formato do seu corpo,  
O salto alto a tornava mais feminina,  
A maquiagem complementava sua beleza.

Não admitia publicamente, mas estava infeliz,  
Atraía muitos olhares pelo seu exterior,  
Mas nenhum deles captava a sua real essência.

Mas sabia que ela não era a única culpada,  
Era apenas mais uma dentre tantas nesse mundo,  
Que comprou o discurso raso,  
De que valia menos como mulher,  
Se não fosse objeto do desejo masculino.



## **Aliança (nem tão) eterna**

Bruna Vegini

Era uma manhã de quarta-feira, o relógio marcava 7 horas. Seria mais um dia normal se Alice não tivesse tomado a decisão mais importante de sua vida: decretou que a qualquer custo sairia daquela casa.

Acordou, preparou o café para Heitor com um sorriso estampado no rosto como era de costume, engraxou-lhe as botas com esmero para demonstrar ser uma mulher dedicada, arrumou-lhe a gravata e despediu-se com um beijo do marido que estava pronto para deixar seu lar e enfrentar mais um dia duro de trabalho. Alice esperou Heitor sair pela porta da sala e ligar o carro, então teve a certeza que teria tempo o suficiente para fazer o que planejava já havia semanas. Por não suportar mais aquela vida que tinha com seu cônjuge, decidiu que o melhor seria deixar a cidade de São Paulo e abandonar o seu companheiro que só lhe trouxera infelicidade.

Não pensou duas vezes e tirou do guarda-roupa todos os seus pertences, roupas, perfumes e joias, estava disposta a sumir com qualquer lembrança de que algum dia poderia ter habitado aquela casa. Arrumou cuidadosamente dentro de suas malas uma infinidade de objetos pessoais, e, ao deparar-se com a foto do seu casamento que ficava ao lado da cabeceira, uma imensa emoção tomou conta de Alice que caiu em lágrimas ao olhar o retrato que marcou o que ela acreditava ser o

início de uma vida feliz. Puro engano, refletiu a moça ao observar não apenas a foto, mas a proporção de toda uma existência fadada a ser a sombra de Heitor, que ela um dia acreditou que amava mais do que a ela mesma.

Em meio aos pensamentos, lembrou como toda essa história começou há 10 anos, quando ela viajou para São Paulo para fazer uma apresentação de balé em um renomado teatro. Ela tinha um grande talento e começava a ser reconhecida, surgiam vários convites para deixar a sua pequena cidade do interior para seguir uma carreira de sucesso, e, foi nesse mesmo dia que aconteceu sua primeira apresentação na cidade paulistana que ela conhecera Heitor que veio a ser seu atual marido. Alice brilhava no palco, a dança era uma das suas grandes paixões e o público ficou encantado com a aptidão da moça que parecia flutuar no centro do palco. Ela estava radiante, foi muito aplaudida, e, antes de deixar a cena, Heitor que estava no meio da plateia assistindo, jogou uma rosa para Alice, acompanhado de um bilhete que ela recordara como se fosse hoje, escrito em letras douradas que algum dia ela seria sua esposa.

Alice não deu muita importância para o bilhete, afinal, como era uma jovem muito bonita estava acostumada a receber muitos elogios por onde passava. Quando terminou sua performance, chamou um táxi para voltar ao hotel onde estava hospedada, e, para sua surpresa, ao descer do carro, lá estava Heitor em frente ao hotel, esperando a moça por quem se declarou apaixonado e assumiu que a rosa e o bilhete eram de sua autoria. Alice ficou lisonjeada e uma semana após o ocorrido, os dois começaram um namoro.

Ela acreditou que Heitor era de fato tudo que um dia poderia ter sonhado, gentil, cavalheiro, não media esforços para agradá-la, fez tudo que estava ao seu alcance para conseguir conquistar a sua confiança.

Ao passar do tempo, a jovem mudou-se definitivamente para São Paulo para seguir sua carreira e estudar, era bastante ocupada, ainda assim, organizava um tempo para sair com o namorado. Heitor, não cansava em afirmar o quanto gostava da companhia da jovem bailarina, e, foi em uma das suas apresentações de dança que ele fez o pedido de casamento, dessa vez, com as mesmas palavras que foram usadas no bilhete em letras douradas que tinha lhe dado quando a viu pela primeira vez, acompanhado de um par de alianças.

Um ano depois, o casal contraiu o matrimônio sagrado, estavam casados, morando em São Paulo em uma nova casa, tudo escolhido pela esposa, desde os móveis até a decoração de cada cômodo da nova moradia.

Alice olha novamente para a foto que marcou o seu casamento e lembra que o homem por quem se apaixonou no passado não era o mesmo de antes. Foi por essa união que sua vida ruiu aos pedaços. Foi no primeiro ano de união que percebeu que não conhecia quem era seu marido de verdade.

A primeira decepção foi ter abandonado a sua carreira que tanto a deixava realizada. Dançar era realmente sua vocação, mas por imposição de Heitor, abandonou o curso a ser seguido, pois o marido, certo dia, ordenou que ela, sendo uma mulher casada, sua prioridade daquele momento em diante seria ser uma

dona de casa, manter as coisas em ordem enquanto ele estava fora, era seu dever e deveria sentir-se feliz por não precisar trabalhar, afinal, carreira era exclusivamente para o homem que sustentava a casa.

Acreditava que o casamento deveria ser para sempre, assim, a moça acatou as ordens do marido e abandonou sua promissora carreira, sem imaginar que essa seria apenas a primeira das muitas imposições às quais seria submetida ao longo desses anos. Heitor chegava exausto do trabalho, a casa sempre deveria estar impecável e a mesa arrumada com seu prato servido. Se isso não acontecesse, o marido gritava com Alice, alegando que ela era um inútil, que só sabia gastar seu dinheiro, nem para fazer seu papel de dona de casa ela servia. Isso acontecia constantemente, pois Alice estava cansada de submeter-se a inúmeras ordens, dentre as quais estava a de nunca contestar Heitor, caso contrário, as consequências seriam graves.

A pobre esposa aguentou durante muito tempo calada, nunca sofreu com agressões físicas, mas as violências verbais eram diárias, e, ao passar do tempo, a jovem mulher, que brilhava nos palcos, foi perdendo sua autoconfiança, sua vontade de viver e sua independência que tanto tivera nos seus tempos áureos de mulher livre, dona de si. Apesar da sua infelicidade, Alice ainda acreditava no seu casamento e que Heitor poderia ser o homem que um dia foi, resultando em várias tentativas de resgatar aquele ser amável que havia lhe conquistado no passado. Pensava, lá no fundo, que se fosse submissa como o marido desejava, ele poderia ser diferente.



E os dias passavam... e nada mudava... e Alice já não era aquela mulher que seguia suas vontades, sempre vivendo a sombra do seu companheiro, ela não tinha sonhos, esses foram substituídos por seguir os mandos e desmandos do seu “amado”, que não era nada semelhante com o amor que um dia pôde existir entre os dois.

O ápice da decisão de Alice culminou com o e-mail que leu na noite passada quando Heitor esqueceu seu computador aberto e acidentalmente havia uma mensagem de sua amante. Alice não falou nada sobre o ocorrido com Heitor, mas agora mais do que nunca, teve plena convicção de que abandonaria o companheiro que só lhe trouxera desgostos em todos os sentidos e como se não bastasse, um par de chifres.

Ela observou novamente a foto e lembrou todas as palavras que lhe feriram, decidiu que não permitiria que nenhuma pessoa a tratasse dessa forma. Rasgou a foto, deixou tudo sem olhar para trás, saiu pela porta despindo-se da mordaca, algemas e grilhões que lhe prenderam por tanto tempo. A partir de hoje seria quem quisesse ser, nutrindo dentro de si a plena certeza de que não seria a sombra de ninguém, não mais.

## O CONFESSIONÁRIO

Chaiana Peruzzo

Sempre me considerei ser um bom sacerdote. Há pouco tempo jazia à frente dessa antiga e pequenina igreja, alicerçada na cidade de Morrecina, município esse interiorano e não menos inveterado que sua abadia. Alguns poucos dias haviam se passado desde minha transferência para essa igreja, e eu possuía plena convicção de estar no caminho certo, mantendo a casa de Deus, a minha casa, repleta de fiéis. Minhas celebrações eram motivo de muito orgulho, afinal, a igreja que outrora esteve sob os cuidados do finado Padre Clemêncio nunca havia estado tão cheia de cristãos. Claro, que eu deveria mesmo me orgulhar de tal glória, alguns sacerdotes já haviam tentado reconduzir a Santa Casa, mas, havia algo de no mínimo singular acontecendo em nossa catedral. Tais ocorrências, eu soubera, se faziam presentes desde a morte do Padre Clemêncio, o povo morrecinense já havia me confessado, o reverendo era demasiadamente apegado a esta que era não somente a casa de Deus, como a sua casa também, já que inclusive ele morava em um quartinho nos fundos da igreja. Sobre o confessionário, soube que era o seu lugar favorito na abadia, uma verdadeira relíquia, fora construído artesanalmente com madeiras e vitrais advindos da Europa com os missionários jesuítas. O povo dissera que o presbítero amava ficar lá dentro dele, não somente para ouvir ou seus fiéis rogando pelo

perdão divino, como também para admirar em seus pequenos detalhes, as cores e texturas, o quão bela em sua rusticidade é a peça. Hoje posso afirmar com plena certeza que o padre tinha razões em admirá-la, estou encantado com tamanha delicadeza e ao mesmo tempo a onipotência empregadas com maestria na composição da magnífica e minuciosa carpintaria dos nossos antepassados. Confesso que me sinto um pouco enclausurado dentro dele, é um pouco estreito e apertado e eu não gosto de me sentir comprimido, não me sinto tão bem quanto soube que o Padre Clemêncio se sentia, e os vidros, aqui de dentro não parecem tão grandes quando se vistos do lado de fora. Enfim, consigo compreender a singularidade do padre tão amado pela vilela de Morrecina. Preciso admitir que o pároco realmente tinha muitos fiéis seguindo-o e idolatrando-o. Um benevolente confessor, que prezava pelo ato de confissão dos seus seguidores, prezava pela casa cheia e principalmente esperava que seus fiéis o buscassem para que por meio de uma boa confissão curassem suas almas. Foram muitos os dizeres ouvidos por mim no povoado, “- O Padre Clemêncio tinha a graça de acolher, ouvir e nos dar uma direção”, “- Um escolhido do Pai, fazia do ato de confessar uma benção”, “- Ouvia nossos pecados e nos administrava com condolências a absolvição”, todos os relatos eram de admiração e gratidão pelo presbítero que tanto zelou por seus fiéis e igreja, pensei que não podia ser diferente o que vinha acontecendo, dado o apego do padre para com seus irmãos. Claro que o que me causou ligeira estranheza foi o fato de ele pedir aos religiosos que se confessassem, pois pelo que eu soube, sempre

depois das missas, ele solicitava aos fieis que ficassem para se confessar. Tal ato me causa estranheza por acreditar que o sacramento da confissão deve suceder a partir do desejo do cristão, após um bom exame de consciência, estar realmente arrependido dos males realizados, enfim, é preciso que o fiel queira, de todo o seu coração, rogar a Deus por intermédio do padre a absolvição dos seus pecados. Toda essa dedicação do Padre Clemêncio para que as confissões se realizassem quase que diariamente, fez com que, de alguma maneira ou outra, ele se mantivesse presente na igreja, mesmo depois morto. O sino da catedral tocava muitas vezes durante o dia ou durante a noite, o povo muitas vezes acabava indo para as celebrações religiosas que não existiam, em horários que não havia missas, já não sabiam mais quando elas realmente ocorreriam ou não. É como se ele ainda estivesse pedindo aos seus fieis que viessem até a catedral para encontrá-lo, para buscá-lo, para relatar a ele as suas angustias e preocupações dados os males praticados, a tantos pecados a serem ouvidos e penitenciados. O Padre Clemêncio não conseguira deixar a sua casa, os seus irmãos, para cumprir seu rito de passagem. Eu sinto como se ele necessitasse continuar a conversar com os seus seguidores, bem como fazia todos os dias na igreja, tendo ou não a liturgia, esse, a meu ver, era o seu principal e mais prezado rito. Agora compreendo a desistência de tantos sacerdotes em continuar a ministração do pároco, alguns, eu soube, não permaneceram aqui um dia sequer. Entendo, já que o padre não os deixara liderar a sua igreja. Outros tantos tinham medo perante os inúmeros acontecimentos

sobrenaturais. Soube que um deles chegou a relatar que vira o Padre Clemêncio celebrando uma missa a pessoas da vila que também já haviam morrido. Eu penso, se ele não obtinha êxito na tentativa de clamar por seus fiéis que ainda estavam vivos, somente restaram as almas que também já tinham passado dessa para melhor, que Deus os tenha. Eu, particularmente, tenho sentido muito o cheiro de velas queimando, e também o perfume de flores, muitas flores, ao que me parece. E de vez em quando o aroma de um cafezinho - aquele assim passado e da hora - fresco e quentinho. Espera. Vejo o Padre Clemêncio se aproximar.

*“- Então quer dizer o Senhor Padre Alfeu, ainda não percebestes o que acontecera? Não disse que se sentia enclausurado e que não gostava de tal condição?”*

*“-Mas eu me referia ao confessorário.”*

*“- O Senhor pensou que se referia ao confessorário e, ademais, todos esses relatos que acabara de contar não passam das conversas do povo de Morrecina que aqui se fazem presentes na igreja nesse momento, o Padre ouvira absolutamente tudo, não ouvira?”*

*“- Sim. Ó meu Deus, estaria eu tendo devaneios?”*

*“- Não! Ou o Senhor realmente acredita que estava a conferir gloriosamente a minha igreja? Claro, que não! Eu sempre fui e sempre serei o soberano Confessor dos religiosos morricinenses, não há outro que possa me substituir. A igreja está sim cheia de fiéis como o Senhor aludiu, mas não nos fazemos ou estamos presentes em uma cerimônia eucarística, estamos no seu velório”.*

## Caixas de Papelão

Chaiana Peruzzo de Oliveira

Hoje, eu estava em casa, não necessariamente a minha casa de verdade, já que ela é alugada, é preciso que se faça essa observação para que se tenha alguma compreensão desses meus infinitos devaneios. Pois bem, eu estava na garagem, limpando caixas de papelão. Isso mesmo, limpando caixas de papelão empoeiradas, muito empoeiradas, cheias de teias de aranhas, com aranhas inclusive, mãe e filhotes, eu não as mato, só “bato” as caixas para que elas saiam de dentro e encontrem outro lugar para tentar sobreviver. Afinal, essas também não são as suas casas de verdade, eu pensei isso agora, enquanto escrevo. No mesmo instante em que estou limpando as caixas com um pano e uma escova de lustrar sapatos, bem secos, começo a pensar o quão triste é esse acontecimento, como cheguei até aqui? É quando paro e faço uma pergunta a mim mesma, só em pensamentos: “O que eu estou fazendo?” E me respondo: “Arrumando e limpando caixas sem ter para onde ir”. Agora, escorrem lágrimas dos meus olhos. Estou limpando e arrumando caixas que estavam há meses “jogadas” na garagem para uma futura e necessária mudança, necessária para não dizer obrigatória mudança, sem ao menos ter pra onde ir... Nada, nenhum outro lugar certo ou “arrumado” para ir. Não à toa elas estão tão sujas e empoeiradas, pois estão há tanto tempo expostas às substâncias como mistura de

microfibras, pele morta, pequenas partículas e excremento de ácaros, ou seja, sujeira, pó. Fico muito triste com a cena em que me vejo, é como se eu sáísse desse quadro e me observasse de fora, como se assistisse a mim mesma e infelizmente tivesse pena dessa pessoa. Olho pra ela e digo em pensamentos: *“Você consegue caixas de papelão, sim, sem mentira, umas trinta delas, algumas estão guardadas dentro de casa em um banheiro que não tem serventia mais, e essas tantas outras aí na garagem, absorvendo tanta sujeira. Você as limpa e as conserta caso haja algum furo ou caso as fitas adesivas que as seguram não estejam as segurando mais, deixa todas “novinhas em folha”, como se fosse usá-las hoje mesmo mas, não, não é o que acontece. Você simplesmente recoloca todas elas onde estavam, você não tem pra onde ir. Pelo menos, não por ora. Daqui uma semana mais ou menos, elas estarão todas sujas novamente, e eu acredito que você repetirá toda essa encenação que agora eu vejo. É isso o que eu sinto e penso a respeito de você e desse episódio, mas, não sou eu quem tem que lidar com as consequências desse acontecimento, eu o observo, você o vive.”* No momento não há o que eu guardar nessas caixas, a não ser as minhas expectativas de logo encontrar um outro lugar para morar, para sobreviver... *A vida adulta é aonde os sonhos vão morrer. Cresça, arrume um emprego, vire um robô. É isso. Depois acabou. A sociedade só quer colocar todos em uma caixa. Bom, sabe de uma coisa, sociedade? Não existe caixa.* Essas foram as falas da personagem da série que eu estava assistindo hoje, recapitulando que hoje não é o mesmo hoje do início da minha história. E sabe o que isso me fez lembrar? Sim, daquele hoje. Infelizmente, preciso discordar da Sophia.

Existem caixas sim, talvez ela estivesse querendo dizer a ela mesma que para a Sophia não existe caixa, que ela não admite e não quer isso para a sua vida, a vida de Sophia. Eu, eu digo que acreditar nisso é praticamente impossível, por mais que queira não acreditar nesse praticamente impossível é assim que a nossa vida se encaixa, literalmente. Estamos compartilhando, eu e Sophia, das mesmas interpelações ideológicas, não há como não ser assim, somos sujeitos empregados de sentidos que a todo o momento e a todo custo tentam se construir se desconstruindo e desprendendo-se dos discursos que atravessam as nossas memórias. Acredito que a Sophia seja mais esse sujeito do que Eu, esse, pelo menos, é o efeito que ela me causa, sua formação discursiva vai à contramão da cultura atual. Sophia parece ser mais livre, mais do que Eu, com certeza. Eu preciso de caixas, ela não. As caixas existem na minha vida, na dela não. Eu, Eu e Eu. Parece que eu falo muito de mim mesma, ou talvez esteja preocupada demais com esse Eu que repito a todo o momento, com a forma como materializo esse sujeito que ao mesmo tempo é altero, pois se vê na forma de Sophia e que tem a necessidade de interagir e criar laços com ela, mas que também percebe que se distancia dela por admitir o quão diferente é a maneira que atualiza essa memória por meio de sua posição e prática enunciativa, que não é a mesma de Sophia. Para a Sophia não existe caixa, essa é a conclusão a qual ela chega, pra mim? Já se passaram alguns meses, e cá estou eu, “limpando” as minhas caixas de papelão.



## “O Confessionário” e “Caixas de Papelão”

Pela própria autora

A análise comparada que faço dos meus escritos, sendo o primeiro deles denominado “O confessionário”, produzido para inscrição e participação no “I Concurso Literário” do Curso de Letras: Português-Inglês e suas respectivas Literaturas do IFPR- Campus Palmas, organizado e desenvolvido pela Profa. Dra. Kátia Cilene Silva Santos Conceição, no segundo semestre de 2016, com o segundo, nomeado “Caixas de Papelão” redigido para a disciplina “Literatura de Autoria Feminina” no primeiro semestre de 2017, é que há um visível amadurecimento de escrita, uma conscientização dela.

Os dois contos foram escritos a partir de específicas e detalhadas situações que me ocorreram, por meio da visualização de algo que me despertou um possível contar de estória a partir daquela determinada apreciação daquele acontecimento, como se uma fala, um gesto ou uma personagem me dessem o princípio dos acontecimentos fictícios adormecido em meus pensamentos a serem desenvolvidos.

Como afirma o escritor gaúcho, Moacyr Scliar,

Acredito, sim, em inspiração, não como uma coisa que vem de fora, que “baixa” no escritor, mas simplesmente como o resultado de uma peculiar introspecção que permite ao escritor acessar histórias que já se encontram em embrião no seu próprio inconsciente e que costumam aparecer sob outras

formas — o sonho, por exemplo. Mas só inspiração não é suficiente. (SCLIAR, 2005, p.25)<sup>2</sup>

Ou seja, lembro-me muito bem da inspiração para a escrita do primeiro conto, estava no quinto período do curso, e amava as aulas de Literatura Universal II, ministradas pela Professora Kátia. O sobrenatural me amedronta, mas me surpreendi gostando especificamente das obras de Edgar Allan Poe e das obras que estudávamos e que de alguma maneira me provocavam um incrível mistério. Assistindo a uma série, uma personagem, um padre, me chamou atenção, as suas características me chamaram a atenção, mas ele morreu logo no início e eu pensei, porque não escrever uma história para ele? Que envolvesse mistério e provocasse medo? Acredito que a história é boa, porém, muito mal desenvolvida. Iniciei-a no primeiro semestre de 2016 e a terminei no segundo muito rapidamente para poder me inscrever no concurso, mas eu sabia que ela realmente não estava pronta. Faltaram inúmeros diálogos, a história não foi bem montada e eu realmente não estava madura o suficiente para escrevê-la, colocar no papel. Apesar do amor que eu tenho pela escrita, há muito que aprender, principalmente no que se diz respeito a como construir um texto fluente, direto e claro. Realmente, “O Confessionário” deixa muito a desejar, pensei no enredo e coloquei no papel, não me depreendi a pensar de que maneira deveria escrevê-la para melhor entendimento do leitor; ela é incompleta e houve

---

<sup>2</sup> Moacyr Scliar, em “EntreLivros: Vol. 1”. Edições 1-6 – p. 25, Duetto Editorial, 2005.

inúmeras críticas de avaliação da banca do concurso literário quanto às incorreções de escrita. Espero, quem sabe um dia, melhor desenvolvê-lo; a obra é crua, quem sabe um dia possa amadurecê-la.

A produção de “Caixas de papelão” também se deu a uma peculiar inspiração, mesmo eu sabendo que deveria escrever algo para disciplina de Literatura de Autoria Feminina ministrada pela professora Kátia, quando ela aconteceu eu pensei, é isto, é sobre isto que vou escrever como texto avaliativo para a disciplina. Eu ainda não tenho os “macetes” de uma boa escrita, estava então no sétimo período do curso, e já observo uma clara mudança do jeito de perceber o texto, simples, mas que apresenta nuance de significados e que permite diferentes interpretações. Alguns conteúdos inseridos na curta-estória foram inspirações de aulas ministradas pelo professor Jacob dos Santos Biziak, na disciplina de “Semântica”, a qual eu me identifiquei e amei estudar, e o Professor é o responsável por isso.

Ao redigir esta análise, eu percebi o quão responsável se faz e se torna um professor que te inspira e que te promove e, por que não, te provoca à escrita, que te faz compreender que *“A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer”*, (GRACILIANO RAMOS, Linhas Tortas,1962). Aqui, eu digo muito obrigada, Professora Kátia Cilene Silva Santos Conceição e Professor Jacob dos Santos Biziak, meus sinceros agradecimentos por todo o aprendizado.

Percebo o quanto a disciplina que deu origem a essa segunda produção contribuiu para o meu amadurecimento de escrita, principalmente no que diz

respeito a compreender que não há manuais a serem seguidos para a criação de um texto, eles não são e nem devem ser padronizados, eles devem ser acima de tudo humanistas, de valores universais. Assim como Sophia, de “Caixas de papelão”, eles devem revidar as transposições dos padrões femininos na representação da mulher na Literatura, compreender que escrevemos não com a finalidade de estabelecer um registro correto, não existe esse registro, pelo contrário, ele precisa ser distorcido, desmoralizado, “desdelimitadorizado”, compreender que se escrevemos, escrevemos para sermos lidos e não manipulados.



ARTE – JANAÍNA RONCEN

## Tornar-se Mulher

Claunice Pelentim

Pequenina do tamanho do botão de uma rosa,  
Sobre meu bercinho cantava canção de mãezinha feliz.  
Admirava com gestos,  
Conversas e conto de historinhas por ela produzidas  
verbalmente,  
Admirada pela flexibilidade e carinho,  
Tudo tinha que ser cor de rosa,  
Mundo mãe de menina  
O amor era tanto que tudo  
Que falava era aceito  
Carreguei...  
e carrego infinitos sentimentos de emoções  
Sensibilidade e força  
Botão de rosa se abriu e  
    Resplandeceu...  
    Mulher.

## **“Tornar se Mulher”, de Claunice Pelentim**

Maikon Simão de Oliveira

O poema é constituído por quinze versos, que não formam conjuntos, ou seja, não são separados em estrofes, não há uma pausa construída. As estrofes funcionam como pausas, como momentos de descanso e ênfase, dependendo do desejo do eu-lírico. O fim de uma estrofe pode indicar o descanso de voz, e o início a ênfase de outra, mas isso pode ocorrer de modo inverso. Não que seja exclusividade apenas das estrofes. No texto, os versos possuem e não possuem relação de dependência uns com os outros. Podemos fazer um recorte de cada verso e coloca-los em desordem que ainda possuirão ordem. Vejamos como exemplo o primeiro verso – Pequenina do tamanho do botão de uma rosa, - ele pode ser colocado posterior ao décimo segundo verso que irá alterar a voz lírica. O eu, deixa para o leitor criar a diegese, apesar de dar algumas indicações. Nada é absoluto, tudo é desmontável. O leitor presume que esse narrador protagonista se refere a sua infância, mas que mulher é essa? É mulher-mãe ou mãe mulher? Sabemos apenas que, o eu poético possui admiração pela personagem.

Como dito anteriormente, há uma desordem, mas também uma ordem, pois o texto percorre uma ordem cronológica. O passado, o presente e um futuro no presente. Outro ponto que podemos refletir é a voz

da personagem. No verso – admirava com gestos – esse outro ganha voz.

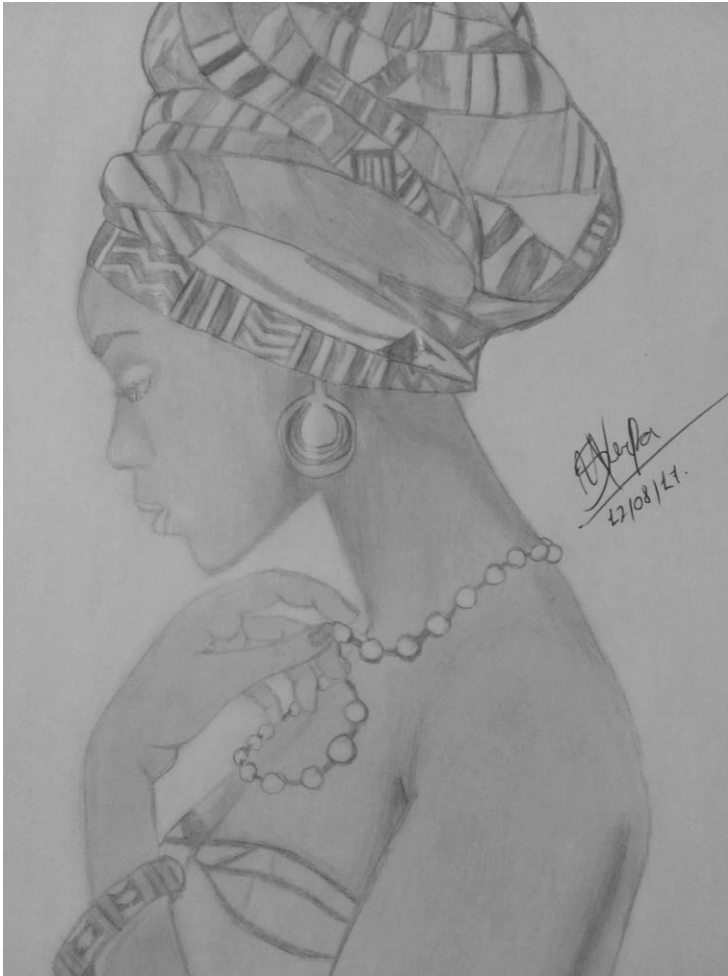
No poema percebemos algumas mulheres e uma única personagem. A menina que é mulher, a mulher que é menina, que são mães. Que desabrocham no final, que resplandecem sensíveis e fortes, em um mar de infinitas emoções.



## Unidos Pela Esperança

Claunice Pelentim

Tenho minha dona possuidora  
Chamada Cinhá  
Minha estimada, tens o olhar doce  
Assim como chocolate, que por sinal ama  
Engraçada, divertida, ri das minhas bagunças  
Seu sorriso é como se o tempo não parasse  
Acordas pensando em mim  
Por todo lado que passa, me enxerga  
Sonha em me ver chegando, são tantas recordações sem  
fim  
Minha dona que espera estar pertinho de mim  
Quando olho a beleza do céu azul  
Vejo nossa beleza  
Que hoje sofre minha ausência  
Naquela noite de quinta feira de maio gelada  
Não sei por que insisti tanto por um role  
Role esse que acabou em separação  
Não sei por que, não sei onde  
Não sei por onde passei  
Não sei onde estou  
Só sei que estamos separados, querendo a volta da  
nossa união  
Alimentados pela nossa esperança.



## Ah... MULHER NEGRA...

Fernanda S. Guimarães

Quão guerreira és! Tua cor, tua gente  
Aqueles que sabem da tua luta, de ti se orgulham  
Assim como Dandara, livre você será algum dia, quem  
sabe...  
Sem precisar jogar-se de uma pedreira!  
Tua militância, teu sofrimento, não serão em vão  
A cada dia há mais mulheres para ao teu lado lutar  
Lutar? Lutar!  
Precisamos lutar!  
Assim como Tereza de Benguela, lutar pelo nosso povo!  
Nossa gente!  
Que com chicote apanhou, mas nunca descoroou!  
Apesar de toda a dor e sofrimento  
Somos mais que rainhas, nossos traços nos tornam  
únicas!  
Mulher incomparável, que pelo racismo, opressão e  
violência  
Não fica subalterna, sua luta só aumenta.  
O sinhô que muito abusou, com minha cor se misturou  
Meu filho escravo de “sangue branco” ficou!  
Assim como Tia Simoa, por sua liberdade gritou...  
Meu tempo de sofrimento não terminou com uma lei  
aboliconista  
Minha história teve um avanço, Princesa  
Agradecer-te? Jamais! Lembro-me da história...

Assim como a feijoada, carrego comigo lembranças  
tristes... tristes, mas, de uma vitória imensa...  
Vitória essa que venho tentando e vencendo a cada  
dia...  
O sofrimento foi vencido em partes!  
Ainda sou MALTIDA na “sociedade”, essa que diz não  
ser racista,  
Que isso é coisa de gente ignorante,  
Não sabe quantos ignorantes encontrei, encontro e  
encontrarei pela vida!  
É Princesa, a cada dia que passa a luta só CRESÇE  
Não sou Princesa, porque Princesa para mim é pouco!  
Eu sou RAINHA, RAINHA, RAINHA!!! EU CRESCI!  
Assim como Luiza Mahin, minha liberdade  
conquistarei, por COTAS crescerei e “gente” então  
serei!  
Minha história escreverei como Carolina Maria de Jesus  
o fez!  
E, assim, quem sabe esquecida não serei!  
Minhas escritas, minhas marcas hão de sobreviver...  
Pelo menos meu sangue sei que sempre na veia de  
alguém há de correr...  
A cada CACHO que eu encontrar, sei que minha cor  
sobreviverá!  
Seguirei o exemplo de Alquatlune, ao qual resistira e a  
luta sempre irá continuar!  
O Brasil e o mundo então verá, que na CULTURA  
NEGRA muito há!!!  
Jarried Arries, das mulheres que fizeram história, não  
te deixa esquecer,

Das lutas que aconteceram ela sempre lembrar-te-á e  
vai lutar...  
E então de tanto se lutar, conversar e o diálogo tentar,  
Quem sabe então o respeito nascerá e o racismo não  
mais florescerá!

## Vai, vai...

Fernanda S. Guimarães

Não, não!  
Não diga que me ama  
Se não me amas por que me iludir!?  
Não, não!  
Não diga que me ama!  
Teu amor assim como você pra mim não me serve  
Você e eu sabemos que você não presta  
Sou mulher demais para você!  
E você? Bem... você é homem de menos!  
Você não presta!  
Por isso não quero mais você  
Antes mesmo de você já não me querer, eu já não te  
queria  
Vai... vai... sai da minha vida!  
E eu? Eu vou ficar,  
Vou ficar com as lembranças, não os sonhos, esses já  
não os tenho mais  
As lembranças dos gozos, gemidos, palavrões e puxões  
de cabelo  
Essas lembranças eu vou ficar, enquanto você se vai!  
Assim, uma mulher, quem sabe, me dará os gozos que  
você vai deixar...  
Mas você, não mais! Vai, vai!  
Eu estou bem, não se preocupe,  
Ah! Esqueci, você não se importa  
Vai, vai... Eu sou mulher demais para você

Já não somos os mesmos, nossos caminhos, sei, não  
mais se cruzarão  
A mulher que fica, fica mais forte  
Fica mais bonita  
Fica mais inteligente  
Vai, vai...  
Eu vou ficar  
Vai, se mova... sai da minha vida  
Que eu vou ficar  
Ficar mais gostosa  
Ficar mais puta  
E você, vai, vai...  
Vai à merda!

## *“Ah... Mulher Negra...”*

Rafaela Viana Serpa

O poema *Ah... Mulher Negra...* traz como espaço uma sociedade machista, racista e extremamente opressora e por este motivo o eu-lírico, uma mulher negra, viaja por vários períodos históricos para resgatar personagens importantes do feminismo negro e da militância, incentivando, então todos que se identifiquem com esse ser mulher e ser negra a terem orgulho do seu eu. O eu-lírico deixa evidente, através do seu discurso qual o principal objetivo: elogiando e resgatando a memória, quer mostrar que as imposições da sociedade branca e falocêntrica não devem predominar sobre todos.

O poema aborda várias questões atuais, como por exemplo, a cultura do estupro, violência esta que foi normalizada pela sociedade, mas o eu lírico mostra que não se deve romantizar a miscigenação do país, já que ela foi fruto de estupros. Sendo assim, a classe oprimida por tantos anos não deve aceitar mais essa condição, o eu lírico trabalha para a formação de uma espécie de exército, convida os sujeitos que se identifiquem com o ser Mulher + ser Negro para que a luta se inicie, pois há a esperança de um futuro que difere tanto do passado quanto do presente.

Essa mulher representada no poema não permitirá que seu corpo seja controlado por essa sociedade, ela deseja mudar as regras do jogo, já que



agora é o momento de questionar o que antes era reproduzido cegamente. A ideia então, é que essa mulher negra traga, através de sua potente voz e de seus traços únicos, uma sociedade sem qualquer tipo de discriminação seja ela sexual, social ou racial.



Arte Janaína Roncen

## Doce vil verme

Gabriele Bitine

Que em tua carne repouse  
O doce vil verme rastejante,  
A criatura que mais enoja  
E, irônica, come tanta gente.

As flores eram muitas e lindas,  
Espinho algum nelas continha,  
Bombons me dava em nossos dias,  
E a mim, não faltavam mordomias.

Um espinho apareceu certo dia,  
E muitos mais e dolorosos sucederam,  
De paraíso a inferno foi minha vida,  
Meus pesadelos aconteceram.

Ninguém ouvia meus gritos abafados,  
Ninguém via meu corpo marcado,  
Ninguém queria ficar ao meu lado,  
Ninguém queria sofrer calado.

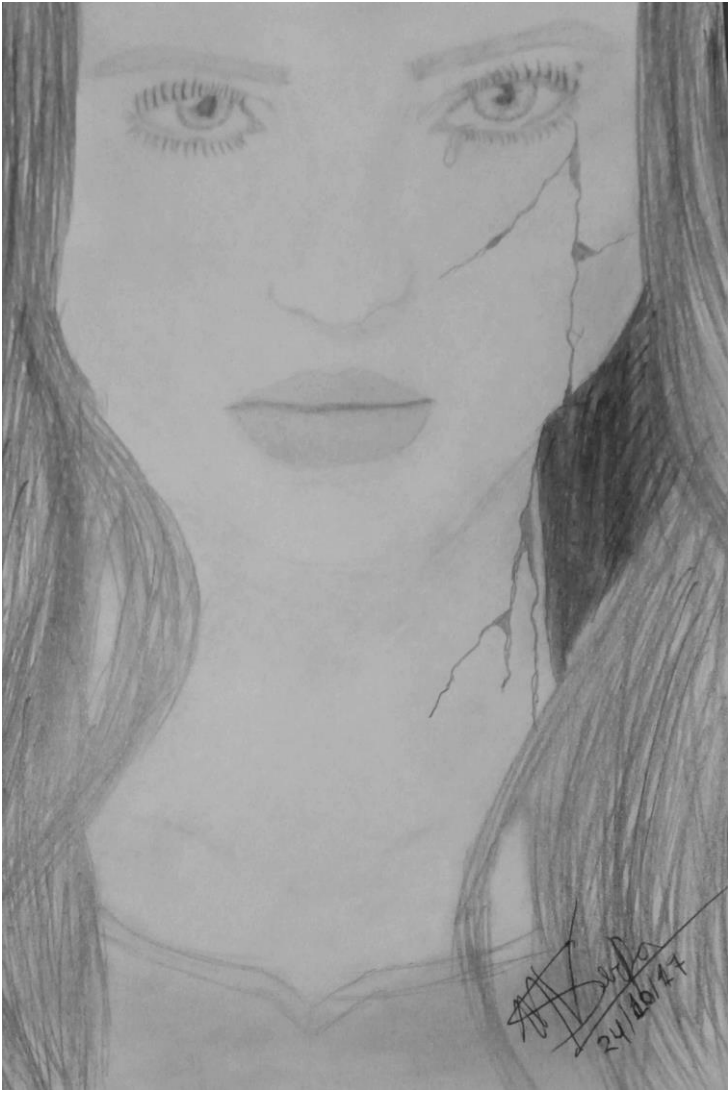
Uma saída eu precisava achar,  
Mas não vou matar a mim mesma,  
Sei que disso você iria gostar,  
Então não te darei esse gostinho na vida.

Querido, meu amor, venha cá,  
Tenho um presente a lhe dar,  
Veja que linda minha arma nova,  
E mais, aprendi a disparar!

Não se preocupe, meu amor,  
Ninguém vai te achar,  
Que você sirva de adubo  
No canteiro onde irei plantar  
As mais lindas flores que sonhei ganhar.

Mas, para isso...

Que em tua carne repouse  
O mais doce e vil verme rastejante,  
A criatura que mais enoja  
E, irônica, consome todo tipo de gente.



## Vou voltar

Gabriele Bitine

Há quanto tempo...  
Há quanto tempo não nos vemos?  
Há quanto tempo não conversamos?  
Há quanto tempo aqui choro  
Sem ter de amparo teu ombro?  
Há quanto tempo me acabo  
Nesse maldito pranto acabado  
Sem ninguém para estar ao meu lado?  
Há quanto tempo espero  
Nesse mausoléu etéreo,  
Que o divino mistério  
Venha em meu socorro,  
E com voz inaudível  
Diga a esse tolo  
"Estou contigo" ?!  
Mas cabe a promessa da vida eterna,  
Mesmo que jamais vista ou provada,  
Aquele fogo que queima na alma,  
Aquele luz que jamais se apaga,  
Aquele desejo nunca esquecido,  
Aquele força jamais explicada...  
Estar uma, só mais uma vez contigo,  
Isso me guiará na longa estrada.  
A incerteza é se você ainda vai me amar,  
Mas, que os céus testemunhem essa promessa:  
Eu sei, vou voltar.

## Karaokê

Jacob dos Santos Biziak

Luzes, copos de cerveja, garrafas vazias, garrafas cheias, luzes, um progressivo mormaço vai se escrevendo e se fazendo ler no lugar e sobre a peledos presentes, músicas diversas, sons dispersos entre vozes e ruídos do ambiente. Um êxtase vai crispando algo por dentro de mim, uma solidão cheia de presença. Os goles da primeira cerveja descem como se alimentassem uma secura que há muito tempo aguardava por aquilo. Os goles das próximas cervejas, principalmente a partir da quarta, já não descem da mesma maneira, mas mais obedecendo a um ritual que parece não querer fim. Saindo do trabalho, não tive vontade alguma de retornar para casa. Engraçado como os caminhos vão se desenhando, quando saio do trabalho de atendente, em direção para o karaokê que só conheço de ir uma vez. Não se trata de algo projetado, algo que esperei viver no fim do dia, mas que se colocou como uma coisa louca. De repente, em cima da minha moto, vi o chão sumir debaixo das rodas até o Kosmos.

*Da nossa mesa, vi aquela moça que levantou, cantou, sentou e continuou rindo, aplaudindo, gritando, como se tivesse ido ao bar como todos ali presentes.*

*Me chamou a atenção a sua felicidade solitária. Sozinha, à mesa, garrafa cheia – uma após outra – saídas para fumar, copo suado, rosto e corpo suados. De repente, fixando olhar sobre*

*ela, pensei em como seria o pensamento dela, que motivos a teriam levado até ali. Por que uma felicidade tão gratuita? A gente parece que vai aprendendo a exigir motivos da felicidade. Inclusive, quando vemos alguém exultante, costumamos perguntar “viu passarinho verde?” ou “por que está tão feliz?” ou “qual o motivo de tanta felicidade?”. E, assim, por exigir da felicidade mais do que o óbvio, a própria felicidade, nos acostumamos a entender que ela só se dá a conhecer porque oferecerá motivo, uma cadeia de sucessões de motivos para sentirmos algo bom. A gratuidade não parece oferecer felicidade, e nos acostumamos a pagar por ela. Isso me levou a questionar uma mulher, sozinha, feliz, em um karaokê. Kosmos. Em um lugar com tal nome, meu questionamento é que talvez perca qualquer possibilidade de sentido. Não tenho coragem de ir até ela perguntar por que o sorriso, a euforia, calça jeans baixa, blusa simples, decote em V. Seis saídas, contadas por mim, para fumar. Ela canta, levanta os braços, fecha os olhos para alguns refrãos. Ali, começo a lê-la como uma interessante protagonista de alguma narrativa minha. Ela estava ali, simples, suada, cotidiana, mas eu precisei lhe dar narratividade, lhe dar uma temporalidade. E, de repente, ela cabe e foge da linguagem que uso e pela qual sou usado. Quem sou eu que a (não) escuto?*

Levanto os braços, grito demais. São músicas de todo tipo e toda época da minha vida. Numa loucura de dizer que não quero, vou matando evidências, com tanto medo bobo, mas na hora em que te beijei, foi melhor do que imaginei, bem melhor que cinquenta reais. Os braços continuam erguidos, comigo sozinha. Eles pesam e não sei que hora abaixar eles. Abaixo, mas continuo



sorrindo. Busco o maço de cigarros pela bolsa, vou para fora, acendo, trago. Sozinha de novo. Ninguém para conversar. Tudo tão bom! Nem posso dizer que estou aqui porque tive um dia péssimo no trabalho, não foi. Um dia normal. Trabalho, canseira. Só não tive vontade de ir para casa dos meus pais, e eles já devem estar dormindo. Eu chegaria sozinha, dormiria sozinha, acordaria sozinha. Sozinha, então, corri para cá. A moto me deu e não deu a sensação do deslocamento. Parece que a gente anda e não anda. Coisa louca. Até estou rindo porque parece a vida, né?!?! A gente anda sem parecer que está andando.

*É difícil porque não sei qual história dar a ela, como a fazer caber em alguma possibilidade de tempo que já não é a dela. E outra: tenho a licença para tentar criar o que quer que seja a partir dela? Somos tanto feitos do outro, pelo outro, que bastou a imagem dela, algo que me destoa da percepção habitual, para me conduzir a um fascínio, que tão perto é da repulsa também. Não sei se por estar sozinha ou por estar sozinha e ser mulher (ah! O poder dos “e” e “ou”...). Uma feminilidade que sua, escorre salgada, bebe cerveja, se refresca e ri, ri para todos e para nada. Havia ali algo de destoante, de fuga. Outro sentido para o feminino para crescer daquela mesa, uma ruptura tão forte que me levou a tropeçar nela. Mas meu tropeço foi na minha própria linguagem que não dá conta do que vejo, do que me atravessa. A escuridão do Kosmos é atravessada por algumas luzes coloridas, “de boate”, onde aquele corpo se movimento livre, alcoolizado, fumante, para depois dirigir, ilegal. Um feminino tão próximo da embriaguez e que nos arrasta para um choque com a compreensão. E teimo em pensar*

*seus motivos, quando deveria me perguntar pelos meus. Um dia inteiro comum, de trabalho, para aquele encontro que seria uma rachadura. Por esta, escorre o que nem sei...*

Balão mágico, super fantástico! Meio bêbada, levanto, danço e sinto algo louco. Preciso pular! Pulo demais! Um homem me olha de lado... mas não quero ninguém me olhando de um jeito que não seja para dançar e pular comigo, muito!!!! Nunca namorei, apesar de acharem que já tive muitos homens. Perco o interesse logo. Com alguns, já até chego a transar, mas com a maioria não é bom. Passo adiante sem pensar duas vezes! Por muito tempo, precisei sair e ter alguém para beijar, às vezes fazer sexo. De tempos para cá, tenho me preocupado mais comigo. Não que antes deixasse de fazer isso, mas era diferente porque tinha um dever, uma necessidade que não sinto mais como minha, parecia que era algo que vinha de fora. Hoje mesmo, não querer ir para casa pareceu algo tão normal, tão meu. As minhas coxas doem, a panturrilha queima, eu queimo na verdade. Verdade? Que vontade de rir!

*Faz anos que vi essa mulher. Um encontro que, de tão banal, pesou porque não parecia haver motivo. De repente, fico perturbado com minha necessidade de explicações para tudo. Quando falo (olha a ambiguidade! Linguagem escorre... inunda...) naquele feminino, líquido, lânguido, sem nada que não fosse um corpo solto que furou meu dia. Anos depois, esse furo ainda está aqui, ainda retomo aquele corpo que ri, que bebe, que fuma, que canta e levanta braços. Quero tanto fazer algo com ele, mas só tenho este texto mal feito, essas palavras*

*sem caminho, sem saber aonde chegar. Fora a gramática, o que esse dizer tem para si? Menos ainda por mim... isso é o foda: aquela mulher tinha muito mais para si, sem motivos, do que eu cheio de necessidades. Os corpos – dela, meu, da linguagem – me pesam! Já fiquei ou fui isso para alguém? Já fui algo por dentro de alguém, cantado de olhos fechados? Uma vez assisti a um documentário sobre garotas afegãs que, muitas vezes, são criadas como se fossem meninos (nos gestos, nas roupas, na percepção visual do outro) para que sofram menos em um universo de opressão masculina que define o feminino. Um absurdo, claro! O que mais me incomoda é que não consegui ser diferente com a mulher-Kosmos: muito do meu encantamento vem do meu enquadramento. Não consegui fugir de uma percepção masculina para dar conta de um feminino. Exigi dele algo que eu quis que fosse colocado em meus termos, não nos dele. Aí, essa narrativa surge desse (des)encontro, mas sinto meu fracasso. Pergunto: conseguimos até que ponto dar conta desse outro que ri cegamente? Você dá conta de mim? Ligue as luzes, cante a letra do outro e jure que está sentindo algo seu a partir do que outro disse. Esse é o jogo! Acharmo-nos no outro. Ela não se achava em mim, parecia tragada nela. Continuo errando com ela, com toda a ambiguidade, percebe?*



ARTE JANAÍNA RONCEN

## O poema da sujeita

Janaina Camargo Roncen

O sujeito feminino quer ser inquilino  
Na casa do valor e do respeito  
Não quer ser taxada a base de desrespeito  
Não está entendendo?

Ela tem de cobrir o decote do peito  
Porque o homem não aprendeu  
A exercer o respeito pelo o que é do outro sujeito

O sujeito feminino, que tem salário indigno  
Porque a sociedade patriarcal ainda é a maioral  
Porque priva o sujeito da equidade de seus valores  
Valores? Sim,  
Anulados, silenciados, violentados.

Eles dizem, mulher tem que ser  
Delicada, bonita, submissa, paciente,  
Do lar, dá li,  
De lá, de cá  
Tem que ser pra onde ele a mandar

Mas por quem?  
Por uma sociedade que acredita que um sujeito é mais  
capaz que o outro?  
Mas que papo é esse sem pé nem cabeça?  
Confere aí sua massa cinzenta!

Se nascemos dotados das mesmas capacidades,  
Se o seu cérebro tem o mesmo funcionamento que o meu?

O seu sujeito tem o mesmo valor que o meu!  
O seu sujeito não entendeu? Nem o meu

Se não concretizamos esse sonho louco  
Que é ser subjugada e maltratada  
Somos más, putas, senão direitas  
Da esquerda,

Mulheres do mundo  
Não servimos pra casar  
Pra namorar  
Pra se amar  
Apenas para transar e descartar

Se ser mulher que luta e vive pra ser sujeito  
É ser do mundo, que seja, sejamos más por saber o valor próprio.

Então que queimem as bruxas  
Joguem-nas na fogueira  
E elas dançarão na beira  
Irão rir, chorar, amar. Lutar  
Como se estivessem numa espécie de delírio  
Tentando mascarar o martírio que às vezes se faz  
Apenas por ser mulher  
A sujeita vai lutar,  
sob o olhar das outras que acalentam seu coração

Sabendo  
que elas jamais se  
calarão.



Arte Janaina Roncen



## Coração-natural

Janaina Camargo Roncen

Existe uma classificação das folhas das plantas, quanto a sua formação e há uma que é chamada de cordiforme cujo limbo da planta é em forma de coração. Há dezenas dessas plantas próximas a sua casa, por mais que estejam na estação errada, elas insistem em se manter lá, elas resistem ao tempo, às estações, como se fossem regidas por uma força maior. Sabe, essas plantas, elas têm características que as permitem viver, assim como nós.

Sempre foi moça solta, livre, da terra, da lua. Vivia em meio a um bosque, ninguém sabia de onde viera, era diferente, tinha uma fisionomia normal, mas carregada de sedução e mistério. Ela causava uma calma e um pandemônio, dependendo da natureza do ser que se aproximava dela. Qualquer ser humano que se autodenominasse normal, quando a olhava percebia que ela era de outro planeta. E ela nunca sentiu como se fosse, sempre sentiu aversão ao que era normal, sempre se sentiu estranha em qualquer lugar que fosse.

As pessoas têm a mania de pertencer a qualquer coisa, só para não se sentirem deslocadas. Ela não se denominava superior aos outros, apenas não sentia aversão, ao não pertencimento. É claro que todos pertencemos a alguma coisa, mesmo sem nos darmos conta do que se trata, nós pertencemos. Alguns fazem questão de pertencer ao outro, apenas para que a palavra pertencer preencha o vazio que os corrói

cotidianamente, a cada segundo. Por isso, ela pertencia a si, e não ao pertencer do outro. Ela era uma estranha no ninho, no ninho do mundo, ela não fazia questão. Só vivia como acreditava ser melhor.

Às vezes, ela colhe plantas na mata, sente o pertencimento nos sentidos preenchidos, ela observava-as como se as compreendesse, como se elas pudessem responder a cada palavra que ela destinava para elas ou eles. Dessa vez ela conversava com as samambaias ou qualquer outra, falava com atenção, firme, falava-lhes qualquer coisa sobre suas raízes, que deveria ter mais força, ter mais atenção com suas raízes, para que pudessem viver por mais tempo e em vários lugares.

Disse-lhes:

-Vocês sabem que podem ser domesticadas, podem ser tiradas do seu lugar selvagem, e colocadas em um lugar comum para perpetuar em qualquer lugar, mas têm de saber que o seu lugar, o seu coração, ele nasceu aqui, ele pertence a essa energia, a esse mundo.

A mata silenciou como se parasse para ouvi-la.

Ela trabalhava com devoção. Regava as plantas no chão como se tivessem coração, como se depositasse nelas o sentimento de um amor que não foi recíproco ou que foi deveras sentido. Perdido no tempo, nos momentos que se passam e deixam rastros que sem perceber o marcam, mas o que se fazer quando não consegue esquecer-se do sentimento, ah o sentimento... Ele vem como se não houvesse amanhã, como se só ele em si bastasse. Como se não houvesse falhas. Mas você sabe que não é assim que funciona, que nada é como parece. Que a planta no vaso pode parecer morta, mas a sua raiz é mais forte que

qualquer outra planta, até mesmo que você, mais forte que seu coração que dispara toda vez que ele vem ao teu encontro. Toda vez que o soar de sua voz a toca, é como se houvesse uma chuva de rosas. A sensação é tamanha que você pensa ouvir os anjos ressoando e os demônios se aquietando em seu interior. Nem eles lidam com isso. Porque você saberia lidar.

É como uma planta rara que se ajusta a um novo solo, que luta bravamente para se ajustar, para viver, mas esse novo solo nem sempre é suficiente, a muda nem sempre cria laços com a terra, a raiz não resiste. É como um pai que rejeita sua cria, que se recusa a amar o que lhes mandaram amar, não cria conexões, pela simples falta de identificação com aquele que carrega a sua genética. Às vezes acontece, como uma piada de mau gosto, que não realiza o que o piadista de antemão previa, o riso. As coisas são como são. As coisas não se ligam porque o universo resolve assim ou porque os sujeitos só não o fazem.

Às vezes nos declarava desse modo, achava que um não era merecedor do outro, que não era para se pertencer, para se ter e se fazer assim um amor. O cravo e a rosa. Sempre tiveram esse caso de amor, nunca souberam amar um ao outro, amavam mais o sentimento, do que o corpo que detinha o amor, corpo que por sua vez era carregado de falhas, dores, sentimento de perda e abandono. Havia o amor, é claro, mas estava carregado de medo. E o medo não passa de um cruel covarde.

Uma vez ela havia pertencido ao amor, percebeu que não bastava, que talvez não fosse o suficiente, ela amava o sentimento aplicado e ele só a teoria. E olhe que ela

sempre amou as teorias, mas as percepções mudam quando não temos o domínio e as pessoas sentem a necessidade de dominar, acham que possuem tudo que tocam. Não possuem, o que as machuca não é amar o outro e sim saber que não possuem o ser físico, o objeto do amor. Elas amam o ego e não o entregar. E é aí que se peca grosseiramente.

Eis uma teoria sobre o amar, as pessoas têm a mania de pensar que elas têm de amar, amar a todos, seja por laços de sangue ou por laços criados no decorrer da vida. Do amor entende pouco, quase não foi amada, conheceu o amor nos olhos do outro, e veja bem, conheceu não é bem a palavra certa, o significado de conhecer não vislumbra o que pensa ser o primeiro contato que teve, pois bem, desde cedo o pai desgostava pelo fato de ter nascido moça, a mãe amaldiçoava a má sorte, os outros mal diziam o que ela fazia pelo fato de ser mulher, do ser que havia se tornado. O amor nunca fora destinado a ela em sua forma mais pura, mas ela insistia em achar que um dia ele viria ao seu encontro, mesmo tendo aprendido a viver na falta. A falta foi o que a possibilitou seguir em frente, acreditar que a sua vida faria o sentido que deveria fazer. Ela não queria saber por que estava na terra, apenas porque estava viva, no sentido individual, ela nunca acreditou que havia uma resposta universal, como poderia se não somos sujeitos caracterizados e personificados iguais, temos performances diferentes.

Foi quando decidiu sumir, e sumiu. Foi-se embora pra longe, não se sentia digna deles e nem achava que eles o eram pra ela. Decidiu encontrar um lugar onde pudesse ser ela mesma, encontrou. Encontrou uma morada tão

destruída como ela, morou. Resolveu reconstruir a morada, reconstruiu-se, ela. Não estava mais danificada, havia aprendido com o tempo e consigo mesma. Um dia estava triste por não saber o que fazer com essa inquietação que crescia em seu ser e revoltou-se. Arrancou todas as plantas com o limbo em forma de coração, não restara nada, todos os corações estavam destroçados no chão, mas não dera cinco minutos, todas estavam ali novamente intactas, como se a pequena fúria tivesse sido apenas um delírio.

Ela era como um lírio, os lírios podem nascer em terrenos cheios de lodo e sua raiz cresce intacta, assim como ela, que mesmo com todas as amarguras, encontrava um modo de continuar vivendo. As coisas são engraçadas, pensava ela, entendia agora que o amor nunca fora algo extraordinário que se dá pelo dever. Se aquele pai, que rejeitou sua cria, olhasse com outros olhos para a pureza que ali encontrava, talvez ele tivesse se inclinado a amar. O amor é tudo questão de olhar. Talvez esse seja o segredo, afinal como iríamos dar aquilo que nunca contemplamos em nós, ao outro?

Ela entendeu. Ele entendeu.

Resolveram então olhar para o amor em cada hora de ingratidão, de ódio, de amor em sua forma mais simples e atualizada. Eles deram um novo sentido para o fato de amar. Ela percebeu que o não amor serviu como um aprendizado e preparação para o amor. Nada é por acaso, ela sabia, todos sabiam. Perdoou todos com quem que tinha problemas, e aos que não era capaz, deixou de lado, afinal não era perfeita.

Viveram a mais bela forma de amor por longos meses. Ela sentia-se em paz, não mais atormentada por qualquer coisa, passou a viver com o real sentido. Meses se passaram e este foi vivenciado da maneira mais pura e intensa que podiam viver. Certo dia, ela comentou com ele que precisava que ele cuidasse dos corações. Ele riu e disse:  
- Pra quê? Eles nunca irão sair de lá – zombou – Estão enraizados para sempre.  
Ela riu, como uma criança que descobre um universo e não sabe o que dizer, apenas contempla o infinito apaixonadamente.  
Ele concordou com um sorriso solene e logo adormeceu. No dia seguinte, aquelas mudas tão resistentes às estações, haviam ido, todas as mudas estavam mortas, elas também morreram sem explicação, assim como não havia o porquê de estarem vivas. As coisas são como são, às vezes não há explicação, são o que aparentam ser. Ela foi sem qualquer aviso. Só acabou.

## O poema da Sujeita

Pela própria autora

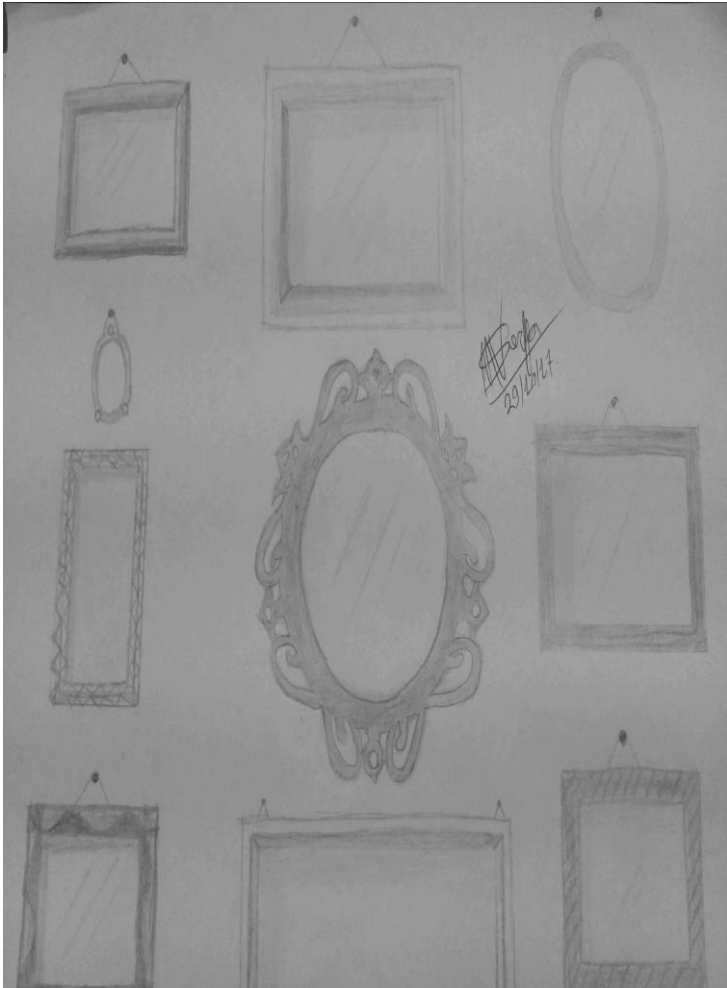
O primeiro poema foi escrito naturalidade. Ele agrega algumas inquietações que assolam o sujeito feminino tanto nas questões mais simples de seu existir quanto nas questões importantes que as afetam desde sempre como as capacidades, salário, o respeito e valor. Na questão de as capacidades serem iguais aos dos outros sujeitos, não tive a intenção de levantar questões biológicas e sim as questões sociais que envolvem esse sujeito que compõe esses espaços sociais, e é constantemente oprimida. A intenção real foi mostrar essa sujeita que luta cotidianamente para não ser mais silenciada. Ela foi construída em torno de um outro sujeito que a oprime, por isso o poema traz uma entonação de confronto com esse outro.

## **Coração Natural**

Pela própria autora

Coração natural foi um texto intencional, no sentido de construção do texto ficcional, este que aborda as inquietações e questões que transformam os sujeitos ao longo de suas vidas, assim como o viver dessa mulher. A intenção principal era mostrar essas inquietações e de como os sentidos mudam por esta que o vive e sente. Assim como as metáforas que utilizei para representar a resistência no viver e no continuar, apesar das desventuras que a assolaram um dia, essa sujeita sempre poderá se resignificar, o que a difere também da outra escrita é a de que não a construí em torno de um sujeito masculino, e sim ela por ela, dentro da linguagem que talvez consiga dar conta desse intuito.





## O Naziazeno

Kátia Conceição

Cismeiei com espelhos. Queria adquirir os mais diferentes modelos e tamanhos. Passava horas pesquisando sobre eles e escolhendo os mais originais. Comprei alguns, mas não me satisfiz. Mandei confeccionar outros, mas erravam sempre nas medidas e a moldura ficava um desastre. Num dia, na vidraçaria, enquanto aguardava o rapaz que tiraria as medidas para um novo modelo de espelho que eu estava encomendando, comecei uma conversa com o funcionário da vidraçaria, um senhor já de certa idade. Logo o associei à personagem do livro de Dyonélio Machado, que havia lido ainda na faculdade. Vou explicar a associação. Naziazeno, personagem do livro, escrito nos anos 30 do século passado, vivia um dilema. A vida pacata do campo e a adaptação às exigências da vida moderna nos centros urbanos. O meu Naziazeno, este da vidraçaria, também vivia um dilema. Começou queixando-se de uma dor nas costas, dor na coluna, para ser mais preciso. Como o rapaz das medidas demorava, a conversa com este Naziazeno se alongou e para fazer às vezes da linguagem fática, fui dando corda à conversa. Ele se queixava do trabalho, da vida penosa na cidade e revelava o desejo de campear umas terrinhas nas redondezas rurais. Confessava que trocava os dias de trabalho monótono ali na vidraçaria pelas lides num pedacinho de terra que chegou a ter no passado. Lá não precisava receber ordens de ninguém,

depender do curto dinheiro no fim do mês, que não dava para suas despesas. Sentia-se cada dia mais doente. A fala era mansa, a voz baixa, mas os olhos ganhavam um aspecto especial quando falava da fazenda. – Lá plantava uns pés de feijão, milho e outras coisas para seu consumo, matava umas galinhas, uns porcos, ordenhava umas duas vaquinhas e tinha o suficiente para si e ainda conseguia um dinheiro com o excedente para os gastos extras. Ali, na cidade – imaginava eu que considerasse ali a cidade – mal tirava para seu sustento e ainda tinha que aturar mau humor de patrão. O rapaz da medida chegou e a conversa foi interrompida. A data da entrega do espelho foi adiada umas três ou quatro vezes e tive que me acostumar com o passo lento da cidadezinha de apenas 40 mil habitantes. Toda vez que ia saber da encomenda, o Naziazeno estava lá, parado, com o mesmo ar pensativo e lento, como a cidadezinha, mas ainda desejando estar em um lugar mais tranquilo do que aquele. Sem ambições, sem almejar grandes projetos, só queria se retirar para o campo. Eu já entediado com a cidade, não conseguindo me adaptar à sua velocidade reduzida, não me conformava em ver alguém querendo se isolar e viver como nos tempos medievais, longe da tecnologia, das facilidades da vida moderna. Enfim, meus espelhos ficaram prontos e junto com eles a decepção de que o que eu havia idealizado não tinha se concretizado. Frustração pura. O Naziazeno, numa dessas minhas idas, havia comentado sobre o reaproveitamento dos pedaços de espelho para fazer um mosaico. Animei-me em criar meus próprios espelhos e ele prometeu me fornecer gratuitamente as

sobras da vidraçaria. Conforme combinado, fui umas tantas vezes recolher as sobras ofertadas e nada. O Naziazeno me olhava com sua paciência preguiçosa e dizia que não havia recolhido ainda. Desisti de acompanhar sua velocidade e não fui mais à procura dos restos de espelho para compor minha obra de arte. Um dia, quando já nem lembrava mais da encomenda, Naziazeno apareceu na janela da pensão, onde eu almoçava todos os dias e que ficava próxima à vidraçaria. Trazia consigo uma caixa nas mãos. Cumprimentou a todos da janela mesmo e numa fala quase inaudível, me entregou as sobras de espelho. Agradei animado, pensando em retomar o projeto da arte, mas, como tudo tem seu tempo, assim como me perguntava por que ele não retomava seu projeto e enfim ia para sua fazendinha, eu também não retomei o meu. Todos os dias, quando olho a caixa com as sobras de espelho do lado do armário no quarto de hóspedes, vejo em seus cacos, as sobras de projetos esquecidos em algum lugar na vida de Naziazeno, sem disposição para retomá-los, porque o tempo passou e perdeu o passo.



Arte Janaína Roncen

## E era uma vez...

Kátia Conceição – AITAK

Era uma vez duas princesas que se encontraram.  
Uma branca como a branca de neve,  
a outra cor de chocolate,  
com cachos dourados, cor de sol de fim de tarde.  
Não cabiam nos vestidos que as rainhas suas mães  
mandavam confeccionar,  
pois gostavam mesmo era de petiscar.  
Passavam o dia lendo histórias de meninas que subiam  
em árvores  
e quebravam vidraças alheias sem pesar.  
Riam e tagarelavam sem parar.  
Rabiscavam coisas aqui e acolá  
e pediam para a outra adivinhar.  
E não era que uma sempre sabia o que a outra queria  
falar!  
Ouviam dizer que existia um tal de príncipe encantado  
que um dia iria chegar  
e que por eles precisavam esperar.  
Mas as duas só sabiam aprontar e gostavam mesmo era  
de com sapos brincar.  
Um dia, já na idade de casar,  
quando os reis, seus pais, avisaram que os príncipes  
pretendentes iriam chegar,  
as duas se esconderam e começaram a tramar.  
Na hora da tão esperada cerimônia,  
escandalizaram todo o reino,

apareceram montadas em um cavalo branco,  
rodopiaram na volta dos príncipes que quase morreram  
de espanto  
e anunciaram com encanto:  
é a vez de duas princesas que não precisam casar,  
nem por um príncipe esperar  
e não há quem vá nos obrigar!  
Galoparam mais uma vez no meio dos convidados,  
lançaram beijos aos pais paralisados  
e se foram para outros reinos brilhar.  
OuvIU-se ainda de longe,  
os risos das duas princesas livres e o cavalo a relinchar,  
como se de toda aquela cena quisessem debochar.

## (N)ela

Karen Conceição

Os traços que moldam sua boca  
Misturam-se na ilusão  
De que você só diz o que quero ouvir  
E os traços da sua boca me seduzem  
Toda vez que ouço pedir:  
“Só mais um pouco, não vai assim...”  
O seu olhar intenso me provoca  
Faz-me perder o foco  
Sua língua me decifra e me sufoca  
As curvas do teu corpo são coordenadas  
Pro meu paraíso, mares que me afogam  
Sinto o efeito do meu corpo no seu  
Sinto o arrepio da tua nuca  
Ao encontrar minha boca  
O som da tua voz ecoa em mim:  
Nos meus sonhos, na realidade, no fundo, no raso  
E te sentir respirar mais forte  
É o que me faz querer-te mais  
De te observar eu consigo sentir  
De te observar eu consigo prever  
De te tocar eu consigo só provar  
Porque há muito mais (n)ela.



## Dança da indecisão

Karen Conceição

É uma dança graciosa. Um movimentar só seu. O jeito que você posiciona a mão no queixo e fixa o olhar no nada e se expressa em silêncio como se articulasse teorias bem complexas. É um ajeitar de pernas na cadeira, ora pernas para baixo, ora pernas dobradas, ora pernas esticadas, ora você dá pulos como se sua mente tivesse descoberto algo incrível, mas logo se aquieta como se pensasse: “ah, bobagem, vou pensar um pouco mais”. E suas mãos? ... suas mãos são tão indecisas quanto sua mente, não sabe se deixa ser suporte do rosto, ou se pega em algo na carteira, ou se passa levemente pelo colo... mas é certeza que quando encontram as minhas elas logo se acalmam, ou não, né. Acho que elas ficam mais nervosas quando encontram as minhas, não sabe se me aperta com força ou se faz carinho de leve. E você é toda essa dúvida, e eu sou toda essa contemplação. Amo observar-te, amo colocar-me de fora e tentar ver com os olhos da alma a sua beleza em movimento, pois quando você está distraída, embebida em si, que vejo algo que não consigo ver quando você está concentrada em mim. Parece bobagem, mas eu mergulho tão fundo nas tuas incertezas que me sinto capaz de classificá-las como quem divide os dias: na segunda é o medo de partir e não saber do amanhã; na terça, a vontade de ficar e ter que ir; na quarta, a ansiedade de me ter não apressar as coisas; na quinta, a

euforia do encontro e tentar disfarçar o sorriso; e a sexta é a decisão: hoje és minha! Enfim... e assim vai. Você penetrando em meus pensamentos e causando... nem vou completar para não me estender. Só sei que você tem uma forma só sua de se movimentar e isso me intriga tanto...

## **“Dança da indecisão”**

Pela própria autora

Motivada por observar outros seres e pela vontade de querer saber o que se passa em outras mentes produzi “Dança da indecisão”. Diferente de “N(ela)”, esta segunda produção me levou a construir personagens que se contemplam e não que se precisam. Por isso, esta é a diferença crucial entre as duas produções. A primeira obra fala a partir de um “eu” observador de um “outro”, e nesta obra o “eu” faz parte da vida de um outro e consegue somente contemplar.

A proposta de uma segunda produção fez com que buscasse outro viés para as personagens. Precisava de algo mais libertador depois do contato com a teoria apresentada. Entretanto, para que houvesse contraste, ainda queria abordar algo que, para mim, é tão difícil: o amor. Mesmo que sutil seja a diferença, a segunda produção era para ser sobre algo que se move, algo que impulsiona, que causa curiosidade, e não como na primeira, que paralisa.



Arte Janaína Roncen

## Infância

Larissa Guimarães

Ah, doce infância!  
Saudade dos tempos de criança,  
Onde a pureza exalava em todo lugar.  
Sem rótulos,  
Sem estereótipos,  
Sem preconceitos.  
Somente o desejo de brincar.

Ah, minha infância querida!  
Se eu pudesse voltar atrás...  
No mundo em que eu vivia,  
As pessoas se expressavam mais,  
A diversão era garantida e sempre pedia bis.  
O que me resta é a recordação  
Dos dias felizes e da diversão.

Ah, guardo em meu coração  
As loucuras que vivi na minha doce infância.  
As lembranças são doces como o algodão.  
Não tinha espaço para rótulos ou estereótipos.  
O que mais valia era o sorriso e a emoção.  
E o que possuíamos em nosso coração.

## Mulher

Larissa Guimarães

Ah, essa mulher talentosa e fora dos padrões!  
Por onde Ela passa arrasta multidões  
Com seu jeito autêntico, resistente e lacrador.  
Com voz ativa, transparente e enaltecadora.

AH, essa mulher que luta pelos seus ideais!  
Frequenta bar, boate e qualquer outro lugar.  
Veste o que gosta e não se deixa intimidar,  
Nesta sociedade enrustida,  
Opinam sobre tudo.  
Porém, essa luta é para desmistificar  
Rótulos e estereótipos incumbidos em todo lugar

Lugar de mulher é onde ela quiser!  
Seja ela negra, branca, parda, amarela.

Donas de casa, mães solteiras, lavadeiras...  
Não se deixem silenciar!  
Onde os sujeitos têm voz, desafiam e lutam!  
Deixem-na viver da forma como quiser,  
Exaltando suas origens e mostrando ao mundo o seu  
poder!

## O cheiro de Oleandro

Maikon Simão de Oliveira

O dia está a amanhecer. Um sol pálido, fúnebre, atônito na aparência começa a aclarar a soturna vila de Oleandro. Um lugarejo lúgubre, com pouco mais de duas centenas de moradores. Possui uma igreja neogótica no centro, cujo clérigo, fora transferido de alguma paróquia... Responsável pela fé do povo há muito tempo.

Oleandro é lugar peculiar. Sua paisagem beira a monotonia, completamente cinza, revela desesperança. As ruas possuem odor nauseante, as casas cheiram a durian, corroídas pelo tempo. O marasmo é tanto, que tanto marasmo permeia os habitantes das pontas dos pés ao mais rijo fio de cabelo de suas cabeças. Sujeitos medíocres, sombrios, dependentes da própria inexpressão. Crianças insossas, juventude opaca, adultos enfadonhos e idosos mortos...

O centenário sino da igreja começa a badalar. Uma, duas, três... Vinte e cinco badaladas. Raro, em um lugar em que o bater do sino não é ouvido há dez anos. Desde o casamento do Doutor Roberto Araújo. Homem distinto, de boa índole. Abarrotou a igreja no dia do casório.

O bater do sino anunciava a morte de Genildo França. Homem recém-chegado. Um advogado de pouca lida. Veio de longe, de um lugarzinho distante. Era diferente, um entusiasta da profissão que possuía, sempre querendo apoiar os que dele necessitassem. Não era

como os outros, já que falante era, suas roupas exalavam perfumes por toda a cidade, de um tipo adocicado, quase nectáreo. Infelizmente, não foi bem nos negócios, dado que, clientes, somente dois em dez meses de trabalho. Não por ser profissional ruim, mas as coisas demoram a acontecer em cidadezinha pequena. Sorria para todos na rua, mesmo que a reciprocidade não existisse. Morreu na madrugada segundo o doutor. Foi encontrado suspenso por uma corda trançada sem alma, usada na fabricação de cabrestos. Estava com os olhos abertos, com uma cor de morto. Fora encontrado por um vizinho. O doutor disse que Genildo morreu por estrangulamento, cerca de três dias atrás, levando-o ao reflexo vago-vagal. O cheiro do corpo ninguém sentiu. Ninguém chorou ou lamentou o seu passamento. Um exício solitário. Por fim, uma autoquíria voluntária, conforme as autoridades.

É meio dia, o sol é angustiante, não pelo calor, mas pela falta dele. O sol sorrindo tristeza. Luz desalumiada. O trem encontra a estação. Poucos param no vilarejo, a maioria nem olha e o trem passa como se nem tivesse parado. Poucos saiam ou entravam no lugarejo. Nem o mapa se atrevera a situar Oleandro.

De repente, um delicado perfume começa a inebriar o olfato do senhor Calisto, o vendedor de bilhetes. Suas vendas sentem-se extasiadas. Os seus olhos arrebatados pela imagem de uma linda jovem de longos cabelos negros, de braços delicados, um rosto perfeito que se aproxima educadamente. O ar está brando, o sol luminoso parece irradiar todas as suas forças para aquela jovem linda, cujo nome, o êxtase fez o pracista



nem questionar. Em suas brancas e delicadas mãos uma mala pequena. Parecia nem ficar mais que uma noite.

O dia continua o seu destino. O morto? Enterrado. A noite se apresenta, e como sempre, trazendo todas as suas aflições. As pessoas não saem de suas casas. As luzes pouco iluminam. A noite, um silencio ensurdecedor, quase se podia ouvir a respiração de cada um, cada gemido, cada suspiro, cada.

Outro amanhecer surge ao longo das montanhas que cercam Oleandro. Fez-me lembrar de Drummond – “existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro”. Existe apenas um lugarejo em meio às montanhas de Deus.

As crianças começam a adentrar os portões da escola. Um antigo hospital desativado. Arquitetura medieval, estilo gótico, mas como tudo em Oleandro, é sombria. As crianças são sombrias. Não brincam, não gritam, não correm, apenas observam pálidas nos seus lugares dentro de suas salas sem sequer emitir um barulho, nem de insetos ousam soar. No portão, surge àquela linda jovem da estação, usando roupas de cor, olhos castanhos, cabelos negros, braços brancos. Caminha delicadamente, sem tropeços, pés um ao lado do outro. Nas mãos um caderno, dois livros. O pequeno príncipe talvez. Adentra a porta da sala de aula, e em um tom de voz tênue se apresenta aos alunos de modo alegre, sorrindo como sorri o amor. Helena é o seu nome e faz jus ao nome, pois é reluzente, resplandecente. A sala se ilumina. Coloca um singelo vaso de flor na porta direita de sua mesa. Conta uma longa história para os alunos. Romeu e Julieta, romance conhecido. História de amor

que acaba em morte. Posso dizer que do final os alunos gostaram. – “Duas casas, iguais em dignidade (...) reativaram antiga inimizade (...)” – leu ela... Na sala dos professores, o clima é de suplício. Os mestres todos iguais, sem expressividade. A presença de Helena causa desconforto. Olhos todos centrados em Helena, mas não por boas vindas, não por admiração, e sim, algo que somente os olhos podem dizer. Enquanto na sala, o silencio dói. Os meninos não falam, as meninas não falam, as crias não clamam nada.

À noite, ao se aproximar das onze, Helena ouve um barulho vindo da janela da sala de estar. Uma casa antiga, de madeira, janelas pesadas, talvez seja o vento. Contudo, não ventava no vilarejo. Levanta-se, vai até a sala e fecha a janela que batia. Olha em alguns outros cômodos, mas nada encontrou de estranho. Voltou para o quarto, deitou-se em sua cama e ao cerrar os olhos uma mão áspera lhe tapa os lábios e um pano lhe esconde na noite.

As horas se passam e a madrugada insiste em persistir. Do seu sono profundo ela desperta. Está amarrada, presa a uma cadeira. A sua frente um homem alto, robusto, pálido que se aproxima, lhe coloca uma corda sem alma em torno do pescoço. Apesar de todos os gritos, dos clamores, das lágrimas, de todos os suplícios da professora, o homem a coloca em pé sobre a mesa, amarra a corda no teto e, em segundos, arrasta a mesa em sua direção. Helena cai, cai como uma fruta podre do pé. Olhos castanhos se fecham, a pela branca começa a perder sua cor, os suplícios acabam e a delicadeza se esvai.

Lá fora, do lado de fora da igreja estão os professores inexpressivos, as crianças sombrias e alguns moradores daquele pequeno lugarejo de Oleandro. Estão esperando. Esperando como se fosse à última vez... De repente... Uma, duas, três... Vinte e cinco badaladas. De dentro da igreja, o clérigo acompanha um grupo de pessoas que carregam um caixão. Caixão de madeira nobre, de mogno, polido. Segue rumo ao pequeno cemitério das almas. Padre Santoro vai à frente sem emitir nenhum som sequer. Sem orações, sem preces, sem rezas. Os moradores, as crianças e os professores acompanham, assim como acompanharam Genildo França. O enterro é rápido, sem espaço para intempéries. Após os rituais, todos voltam as suas residências. Agora, já são seis, seis túmulos. O primeiro do senhor Antônio de Souza. Famoso químico. Sujeito feliz, sorridente. Viveu pouco em Oleandro. Dizem que ingeriu veneno. O segundo jazigo acomodava Maria Helena. Mulher de classe que viveu o que tinha que viver. Dizem que era revolucionária, pois, queria escola nova. Veio de longe e durou pouco. O terceiro e o quarto eu não sei, mas dizem que boas pessoas eram. Genildo foi o quinto e Helena é novata.

O amanhecer é pálido. O sol é fúnebre, atônito na aparência. O padre, caminha na pracinha do vilarejo, as crianças, adentram o portão da escola. Nenhum choro, nenhuma lágrima, apenas vida. A vida de um lugarzinho em meio a montanhas. Um lugar triste, recluso e infeliz.

O trem apita... Bem vindo a Oleandro...

## Como um ponto vermelho no mar

Maikon Simão de Oliveira

Sou como um ponto vermelho no mar;  
Sou Menina, Mulher, Sou Velha...  
Nem o balançar das ondas,  
Nem o poder das águas...  
Nem o cair da bengala  
Nem o incêndio me queima...

Sou como um ponto vermelho no mar;  
Gorda, magra, branca, negra...  
Nem os açoites do laço.  
Nem o laço de boi...  
Nem os lixos da moda,  
Nem os gemidos daqueles salões...

Sou um ponto vermelho no mar;  
Nobre, plebeia, burguesa, normal...  
Nem o capitalismo,  
Nem as regras de normalidade...  
Sou nobre com calça jeans.  
Sou normal, sou eu, você, sou ela.

Sou um ponto vermelho no mar;  
Natural, real e sobrenatural...  
Sou normal para os brancos, negros e estrangeiros;  
Nem o conceito, nem o preconceito,  
Nem Deus, nem o Diabo.  
Apenas um ponto vermelho no mar.

Gay, hétero, bi, trans...  
Nem às pauladas,  
Nem os corpos nas valas.  
Nem os carrinhos de mão.  
Nem as lâmpadas nas ruas;  
Fazem-me perder aquele ponto vermelho no mar.

Vermelho porque sangra;  
Vermelho porque dói...  
Bate, roxo, pus, explode e cicatriza...  
Nem as regras de igualdade...  
Obesidade, liberdade e fraternidade...  
Sou um livre ponto vermelho no mar!?

Maltratada, humilhada, estragada;  
Sou forte, guerreira com espada e proteção;  
Nem os homens,  
Nem a humanidade...  
Aliás, que homens, que humanidade?  
Que mar?  
Livre, presa, grávida ou não,  
Mãe sim, pai sim, às vezes nenhum dos dois...  
Nem a tradicional família,  
Nem as regras de (mãe)ternidade,  
Posso ser boa, posso ser má, posso?  
Ser um ponto vermelho no mar?

Pinto, canto, danço, escrevo;  
Sou multi, funcional ou não. Quem sabe?  
Quem sabe o que sou? Eu sei!  
Sou Ana, Bruna, Carlos, Diego e mais alguém...

Mas não se esqueça,  
Do tal vermelho do mar.

Sou nascida, vivida, envelhecida e morta  
Não mato, nem roubo...  
Não sou assassina, não sou ladra  
Não sou o que pensa que sou  
Mas não esqueça;  
Daquele ponto vermelho no mar.

No sol, na chuva, na água  
Não seguro guarda-chuva,  
Não ando atrás, ando do lado...  
Não sou primeira. Sou Dama, e ponto.  
Sou presidente, presidenta e até imperatriz.  
Mas também sou aquele ponto vermelho no mar.

Você convive comigo, você me conhece!  
Fala comigo, discute comigo, transa comigo...  
Faz sexo comigo e ainda não me conhece?  
Como assim?  
Namoro contigo, caso contigo e morro contigo  
Mas ainda sou aquele corpo vermelho no mar.

Meu corpo é branco, preto, pardo, roxo e até lilás.  
Nem os lápis de colorir.  
Nem as tintas de pintar.  
Nem os cartazes de enfeitar.  
São capazes de matar  
O ponto vermelho no mar.

Mas para finalizar...

Para te deixar partir, fugir, correr, voar...

Para te deixar morrer em paz.

Que morra...

Diga-me!

Sou como um insignificante ponto vermelho no mar?

## **“Como um ponto vermelho no mar” de Maikon Simão de Oliveira**

Pelo próprio autor

O poema se estrutura em quatorze estrofes, cada uma com seis versos não rimados, pois a preocupação maior é com a sonoridade marcada por pausas e tom mais suave em alguns versos e mais intenso em outros. As estrofes não são dependentes entre si, pois possuem objetivos individuais, cada uma com sua intensão bem definida. Apesar disso, elas intensificam o conteúdo da outra, seja essa outra a próxima ou a anterior.

Não há um tempo determinado, um espaço estabelecido, mas se percebe que há sujeitos. Esses, nomeados, mas não claramente. O pronome “eu” transporta esses sujeitos para o leitor, esse leitor, em sua leitura é que fará a aproximação do conteúdo à sua realidade. Ele é que de fato nomeará de forma clara que sujeitos, que sociedade é essa.

O termo “sou”, presente do indicativo, não está presente o título do poema, pois a intenção não está nele, mas nas estrofes. O título é uma mera formalidade, apesar de ser fundamental para atrair o primeiro leitor, contudo, isso não é regra. Esse ponto vermelho é aquele sujeito deixado a mercê da sociedade, aquele que sangra até a morte sem que ao menos uma “boa alma” o auxilie.

Existe um “outro” para esse eu lírico, ele ou ela (dependendo da construção do leitor), quer que sua voz, às vezes forte, às vezes fraca, outras vezes, rasgada e



machucada, seja ouvida por outra voz, voz essa, que não tem voz no texto, mas que possui presença nele. Mas esse sujeito presente no texto deixa claro de que há uma dualidade na sua existência. Uma dualidade forte e fraca ao mesmo tempo, mas mesmo assim pergunta: Sou como um insignificante ponto vermelho no mar?

## **Tudo começou quando beijei aquela boca**

Rafaela Viana

Tudo começou quando beijei aquela boca, foi beijo de engolir os lábios. Sentia minha língua invadindo aquele mundo, mundo aquele que mais tarde seria só meu. Quando a apertava em mim soltava-a para que nossos corpos, suores e salivas alcançassem novo nível. Sim, amo quando o pescoço pede. Pede, deseja, clama, exige. Como adoro aquele pescoço. Você nem imagina o quanto. Sabe aquela voltinha onde acaba o pescoço e começa o ombro. Tente beijar aquele lugar. Se é gostoso? Você tem certeza que não sabe a resposta? Se nunca tentou, por favor, tente. O beijo ali parece não se importar nem com perfume, nem com suor, se a pele estiver doce, eu amo, mas se estiver salgada... É puro tesão. Mais alguma pergunta? Pois então, com a gente é assim, se ela não vem. Eu busco. Se ela vem eu aproveito. Sinto meu corpo arrepiado quando penso em tirar seu sutiã, depois de vários beijos, mas antes de qualquer mão. Colar um corpo no meu. Coisa mais interessante ver dois corpos colados, mesclando pressa e calma, lentidão e veracidade, você não acha?! Deixa eu te falar uma coisa, pra mim, não existe sensação melhor que dois corpos que se tateiam, uma boca na outra, a alma dela na minha. Não! Não! Não! Nem sempre foi assim! Tá maluco?! Foi tudo pela nuca, tudo começou pela nuca. Foi por esse lugar que está quase sempre escondidinho, que a fiz mulher. Acho que foi assim que ela conseguiu

expor o que estava tão guardado. Na primeira vez que peguei na sua nuca, percebi se ela era de beijinho e amorzinho ou se era de beijão e entrega intensa. Ahh! Isso é importante... Claro que ela faz muito pra e por mim. Aquela mão que me aperta na pressão perfeita é a mesma que traça o caminho que me descontrola, aquela habilidade que me amarra e me venda. Me deixa prestes a gozar a cada nova palavra que sai sussurrada de sua boca. Ela me presenteia com seus barulhos, com seu movimento, com suas marcas de uma noite, um dia, de uma manhã ou até de uma madrugada. Não fala nada disso pra ela, por favor, até porque pessoas como eu, você sabe mito bem, não falam esse tipo de coisas. Então, respondendo a tua primeira pergunta, eu prefiro... ocupar as duas mãos, uma de leve no seio, a outra descendo até o zíper da calça, ela realmente acha que aquela calça jeans a deixa segura. Ela está tão errada. Tiro a calça para não perder nenhuma gota do que é dela. Quero tudo pra mim. Não posso desperdiçar nada, porque a amo e quando se ama é assim. Prefiro quando meus dedos ágeis descobrem o calor tão característico que só vem dela. Prefiro chupar, lambar, molhar, beijar, me lambuzar. Prefiro quando ela desiste de resistir. Sabe quando a pessoa esquece para onde vai ou de onde veio? Esquece de tudo porque nós sabemos que o seu gozo é um futuro certo. É por isso que prefiro..... ELA



## Sempre admirei os olhos...

Rafaela Viana

Sempre admirei os olhos, principalmente claros, podendo ser um azul oceânico, verde único ou uma mistura inacreditável. Então chega até mim aqueles olhos marcantes, me fazendo preferir, a partir de agora, a sinceridade seca de um par de olhos escuros. Um olhar que se tornou a exceção do meu gostar. Foi o escuro quase impenetrável que me fascinou. Aquela sensação de perder-se em um lindo céu nublado e da necessidade de tatear tudo para encontrar uma saída. Mas eu nunca disse que quero sair. Preciso continuar sempre ali, pois é o único lugar capaz de transmitir a paz incomum que só eu preciso. Uma paz que acompanha aquele ruído que só se percebe quando a noite já é alta e as luzes apagadas. Sim, céu chuvoso. Impressionante, elegante, bravo, leve, com uma majestade poderosamente única. Magnífico céu chuvoso, esplêndidos olhos escuros. Há uma profundidade que a gente não vê, e que justamente por isso sabemos que existe. Seus olhos, meu amor, me fazem crer que o paraíso é um céu negro e cheio de surpresas, com segredos que só serão desvendados aos poucos, e só saberemos quando chegarmos lá. Se chegarmos, porque não é para qualquer um. Eu cheguei, mas demorei algum tempo para perceber que esse olhar é o mais bonito que o meu já cruzou na vida. Talvez, porque não é sempre que ele esteja totalmente aberto, só se arregala quando acha um ótimo motivo para isso, ou

talvez, porque ele é o seu mais fiel escudeiro e não entrega fácil assim tudo o que sente – nem o choro, nem o riso, muito menos a tristeza ou alegria. Acho discreto, comparando com o meu que sempre está inquieto, distraído, curioso e falante. Mas uma certeza tenho: são intensos e imensos. De amor, sentimentos, segredos, vontades não reveladas, e acima de tudo... Desejos, Desejos e mais Desejos.

## Sempre admirei os olhos...

Pela própria autora

Essa segunda produção foi realizada de maneira mais fluida, diferentemente da primeira que foi pensada em todos os elementos que estruturam o enunciado ao ser escrita. Com o contato com os textos teóricos de escrita feminina, podemos observar como esse feminino subverte ou reproduz a lógica masculinista. A partir de todas as discussões realizadas, percebe-se que na primeira produção o desejo e o erotismo estão presentes, mas também com certo segredo, pois o narrador, por algum motivo esconde “dela” todo esse desejo que transborda. O não colocar o feminino em contraste a um masculino muda o sentido da obra no decorrer das leituras, devido não saber a qual gênero pertence esse narrador. A segunda produção traz uma ideia de um ser amado quase como uma religião, como a idolatrar esse olhos escuros. O uso da metáfora traz então uma linguagem diferenciada, deixando então os sentidos em aberto, sendo essa uma das características da escrita feminina.

## Submersa no EU

Renata Ferreira Ribas

Através desta fumaça, que sai  
Da minha xícara de café.  
Vejo-me imersa, em  
Pensamentos, que nem meus EU sei se são.  
Digo isso, porque quando  
Reflito-os, não sinto que esta sou EU.  
Penso estar vivendo uma repressão, esta de  
Quem EU sou.  
Nesta sociedade, tão  
“Atual”. Não posso me expressar...  
Sem que isso me atinja, tão diretamente.....  
Não culpo a sociedade,  
Culpo-me, pois esta prisão,  
foi feita através dos meus  
Atos, ou melhor, escolhas.  
Hoje, já não sei mais quem EU  
Realmente sou.  
Sei apenas, que o meu silêncio é  
O que me salva, da  
Dor.

(REAFRIBAS)



## De tantas Marias que conheci

Renata Ferreira Ribas

Conheci muitas Marias na minha vida: Maria do Carmo, mulher muito religiosa; Maria Olívia, uma mãe muito cuidadosa; Maria Marta, dona de casa excelente! Limpa uma casa como ninguém; Maria Valéria, moça bem criada, usa uns vestidos muito bonitos, a mãe é costureira! Menina de família, os vestidos são tudo pra baixo dos joelhos. Maria Clara, moça dos cabelos escorridos e longos; Maria Francisca cozinha muito, já falaram pra ela se inscrever no tal, de *Master Chef*, mas ela fala que tá muito velha pra estas coisas. Maria Aparecida, moça que tá noiva aqui no bairro, esta os pais souberam criar, ta noiva! Moça pura, vai casar na igreja, tudo nos conforme. Maria Cecília casou faz três meses e acabou de descobrir que tá grávida, que coisa boa! Abençoada. Quantas Marias!... ah tem a Maria Eulália, como posso esquecer da Maria Eulália! Coitada, acredita que ela tinha cabelo de homem? Verdade! Curtinho assim, igual de homem, e não era porque ela não gostava de ser mulher, ela era casada com homem, mas casada só no cartório, coitado dos pais dessa menina, que decepção deve ser ter uma filha desvirtuada da igreja. Ela não era bem certa. Acredita que não parava em casa! Verdade. Trabalhava em uma empresa, diz que manda lá, onde já viu mulher se metendo em serviço de homem! Nem limpa casa, acho que nem sabe. Estes dias, fiquei sabendo que ela pagou pra Maria Marta limpar.

Cozinha, ixi! Acho que também não sabe, pois todo dia ela almoça em restaurante com o marido, acho que ela tenta ser “granfina”, onde já se viu uma coisa dessa, isso é coisa de novela. Tenho dó do marido dela, tão magrinho! Estes dias, tava na casa da comadre. Acredita que ela passou e tava de terno? Comadre falou que era terno feminino, mas aonde já se viu, copiar até a roupa de homem! Você deve pensar que ela é moça nova, capaz ela tem vinte e oito anos, e acredita que não tem filhos? Verdade, não tem. Você pensa que ela deve não gosta da coisa né, capaz menina pervetida, estes dias a Maria Marta, vizinha dela , que as casas são grudadinhas, escutou absurdos vindo de lá, “Deusulivre”, isso não é de Deus, credo, deve ser por isso que não é abençoada por Deus de ter um filho. Bom, mas também quem sou pra ficar pensando coisas da vida alheia, vou é ir fazer almoço pro marido e pras minhas quatro crianças.

Reafribas

## Relações divergentes

Rodrigo Almeida

Ela era evangélica. Ele era drogado. Ela não falou que era evangélica. E ele não falou que era drogado. Na verdade, falavam pouco entre si. Achavam que não precisava. Não sei como casaram. Devem ter pulado a fase pré-nupcial de sedução mútua. E aí se casaram.

Agora ela sonhava com novelas. Ele com futebol. Na igreja ela não ia mais. Perda de tempo. Ela não suportava mais ouvir os hinos. Ele tinha largado as drogas. Ou as drogas tinham largado dele. Ele não era um bom drogado. Parte dos efeitos de alteração de consciência ele já alcançava sozinho. Doença mental.

Se eles se gostavam? Difícil saber. Então eles se odiavam? Não. O ódio exige certa convivência para se manifestar. E a distância entre eles era enorme. Do tamanho de um sofá de novela. Sofá do núcleo rico, que fique bem claro.

Ela não entendia nada de futebol. Aquela cena de estádio cheio de homem sem camisa gritando palavrões não era compatível com o mundo glamouroso de *champagne*, joias e piscina que ela estava acostumada a ver, pela televisão. Ele não entendia nada de novela. Não conseguia focar a atenção mais do que cinco minutos em uma novela. Por isso sempre mudava de canal. Ela ficava louca com isso. Falava alto, bem alto, falava palavrões. Parecia um torcedor fanático, num estádio de futebol.

Ele não dava importância. Nem a ouvia mais. Ouvido seletivo, dizem.

O trabalho exigia muito dele. E cada vez que ia trabalhar, ela tinha a TV só para ela. E o sofá também. Ela comprou um sofá quase igual ao da última novela das oito. Comprou em várias prestações, mas muitas não foram pagas. E o sofá era tão grande que não coube na sua sala. Ou a sua sala era pequena demais. Metade ficou na garagem. E ela até achou chique. Afinal, – “quem tem um sofá na garagem?!”.

O trabalho exigia muito dele porque não era um trabalho formal e era muito difícil convencer os outros da importância do seu trabalho. Na verdade, era um trabalho que ele tinha inventado. Doença mental. Ele sabia que poderia contribuir muito com o futebol. Coisa grande. Times importantes. Campeonato oficial. Série A. Mandou até imprimir cartão de visita. É mais fácil impressionar. No cartão, além do seu nome, estava escrito, bem no centro, “ACESSOR TÉCNICO – ASSUNTOS ESPORTIVOS”. E embaixo, quase extrapolando o limite da margem, “FUTEBOL”, em fonte maior. O erro de português não assustava mais que a sua aparência, que lembrava a de um ex-jogador de futebol já na velhice.

Tinha também uma pasta, tipo executivo. Impressiona também. Quem tem cartão de visita e maleta de executivo pode ter o mundo a seus pés. *Business...*

E os dois iam vivendo assim. Ele sempre trabalhando. Ela sempre buscando recriar o mundo das novelas, mas apenas o do núcleo rico. Nada de subúrbio,

roda de pagode ou favela. As tramas dos personagens ricos eram as que realmente lhe interessavam. Presidentes de megacorporações, mansões, viajar de avião, dentes imaculadamente brancos, festas bombásticas e muito, muito, dinheiro.

No almoço e no jantar sempre havia duas taças. Uma para água, outra para vinho, mas ela não sabia qual era qual. Não importava. Não tinha vinho mesmo. No café da manhã, nunca faltava suco de laranja. De pacotinho. Na sala, improvisou um papel de parede com cortina de banheiro, dessas de plástico. Ficou quase perfeito.

No meio de tantos afazeres (não é fácil trazer uma novela para dentro de casa...), ela só parava para assistir às novelas. Não perdia uma, nem um capítulo. Mas só quando ele estava trabalhando. Só assim ela era dona do controle remoto. E isso lhe dava uma enorme sensação de poder e completo bem-estar. Plenitude temperada com as tramas dos personagens. Dos personagens ricos.

Ultimamente, ela conseguia seguir todos os capítulos. Ele estava trabalhando como nunca. No país da copa, no país “para todos”, ele sabia que a grande chance da sua vida estava chegando. Contatos. Era preciso fazer contatos. Explicar a importância do seu trabalho. Não era fácil. Nem ele sabia exatamente qual era a importância do seu trabalho.

Cada capítulo assistido por ela estava sincronizado a uma empresa visitada por ele. Em muitas, não conseguia passar pelo crivo do porteiro. Quando conseguia, o frio na barriga quando subia pelo

elevador demonstrava o estado de ansiedade pelo qual era tomado. Elevador parado, aumentava a tensão. Estava quase lá. Quando as portas se abriam vinham outras sensações. O nó na garganta era porque ele tomava a cena como metáfora para a sua vida. Depois de muitas dificuldades, portas douradas se abriam e o mundo do futebol poderia finalmente conhecer o talento que nem ele mesmo conhecia. Mas aí vinha a segunda grande dificuldade: a secretária.

Secretárias são pessoas pagas para barrar outras pessoas. Isso, além de dinheiro, dá grande satisfação a essas profissionais. E as secretárias sempre se contorciam de prazer em barrá-lo. Figura peculiar. O seu terno, que ele ganhou do pastor da igreja da mulher há muitos anos, surtia efeito contrário ao esperado por ele. Mas se a roupa e os trejeitos não fossem critérios suficientes para ser ignorado pela secretária, o seu cartão de visita certamente o faria. Ele não se intimidava. Afinal de contas, entrar num mundo tão competitivo como o do futebol não seria tarefa fácil, mas isso um dia iria acontecer. E nesse dia ele ficaria muito feliz.

Mais um dia sem sucesso. Mas ele via isso sob outra perspectiva: menos um dia até chegar o grande dia. O que o confortava era o futebol passado pela TV. Mais um dia acompanhando futebol pela TV, para ele. Menos um dia de novela, para ela.

Um dia ele saiu cedo, nem tomou o suco de laranja. Ela não se preocupou. Estava ocupada pintando as suas painelas com tinta vermelha. Achou lindas as painelas de uma personagem do núcleo rico.

Nesse dia, ele foi recebido por uma secretária de uma grande empresa do mundo do futebol. A moça tinha faro para identificar talentos e não hesitou em cercá-lo de atenção, cafezinhos e outros mimos. Além de secretária, era amante do diretor executivo da empresa, envolvido num esquema fraudulento com a FIFA. A secretária também estava na jogada e na busca por um laranja. Imediatamente ligou para o seu chefe e disse apenas: – bingo! - de forma quase inaudível. Não poderia falar muito detalhadamente com o amante para não levantar desconfiança, mas rapidamente preparou um contrato, devidamente assinado, atribuindo o cargo de representante da *Wide World Football Incorporations* para a América Latina.

A secretária foi muito dedicada na explicação da participação dele, que não entendia nem metade das palavras. Nem poderia. Os seios de silicone quase pulando na tentativa de escapar de uma blusa firmemente aderida bagunçavam suas ideias. Cláusulas discutidas, contrato assinado. Uma conta seria aberta no nome dele. Finalmente o mundo o conheceria. E isso era verdade.

No outro dia, também não teve tempo para tomar o seu suco de laranja. Acordou tarde e já estava na hora de ir ao banco. Providenciou um cartão da conta, embora isso não estivesse no contrato e achou melhor não comentar com a secretária. Do banco foi à empresa, se inteirar da sua rotina, conhecer a sua sala e, quem sabe, conseguir uma secretária gostosa como a outra. Nada disso. Disseram-lhe que a sua atividade era tão importante que não poderia ficar preso em uma sala. A

sua colaboração seria na forma de uma consultoria, que, sempre que preciso, seria solicitada. Ele entendeu, porque tinha visto numa reportagem que os empresários mais importantes são cercados de viagens, reuniões e nem sempre ficam no mesmo lugar o tempo todo. Quis perguntar outras coisas, mas achou que pudesse passar um ar de amadorismo. Depois de escutar todas as explicações dadas pela secretária foi para casa.

Ela sempre ocupada na sua recriação doméstica da teledramaturgia. Ele ansioso para receber uma ligação, uma convocação de reunião ou outra coisa semelhante, à altura do seu cargo. Quando chegou o cartão do banco, cuidou logo de esconder da mulher. – “Essa doida não vai pegar o meu dinheiro” - pensou.

Os dias passaram, a novela das oito já se aproximava do fim, e junto se acabava a paciência dele. Foi até a empresa. Impossível não haver nenhuma reunião em que sua presença fosse imprescindível. Contato com patrocinadores, acerto com presidentes de clubes para liberação de jogadores, assessoria à CBF... Não, ainda não tinha nada, informou a secretária. Alguns cafezinhos, umas palavras que ele não entendia e os peitos cada vez mais perto do seu nariz o tranquilizaram. Ele tinha que se acostumar. Gente importante não sua no serviço. Esse desgaste diário, imaginou, deveria ser restrito aos seus subordinados. Mas... – Quem são meus subordinados? - perguntou. A secretária, pacientemente, explicou que todos os contatos seriam intermediados pela empresa, sem necessidade de ele se preocupar com questões menores.



O trabalho dele era mais intelectual. Pensar as grandes questões, as grandes negociações!

Ela estava em casa, olhando no espelho como ficava com os colares que comprou na 25 de março, aqueles que a mulher do empresário da novela das oito usa e virou mania entre todas as mulheres. Ele entrou. Jantaram. Ela no sofá, grudada na TV. Ele na cozinha mesmo, tentando descobrir todas as funções do celular novo que ganhou da empresa.

Quando ele saiu para trabalhar novamente, ela recebeu uma ligação. Era do presídio. Ligação-golpe. Mas falaram que era da Rede Globo e a ligação era referente a uma promoção. Perguntaram de qual programa ela mais gostava. – NOVELA!!! – ela disse. – Qual? - perguntando de forma mais específica. Falou que gostava de todas, em especial a novela das oito, mas que não gostava muito da parte pobre. – Odeio gente sem *glamour*- complementou.

Falaram que ela tinha sido sorteada e participaria da gravação de uma novela. Mentira. Eles precisam de dinheiro para organizar o campeonato de futebol do presídio.

Informaram a ela que a participação na novela estava condicionada ao carregamento de créditos para um celular, como contrapartida. Explicaram que essa ajuda é essencial nesse tipo de promoção. Ela nem desconfiou, tamanho êxtase.

Não é fácil organizar um campeonato no presídio. Bola, rede, jogo de camisas... A busca por patrocínio é demorada e nem sempre dá certo nas primeiras tentativas. Todo o processo exige muito tempo

e muito crédito de celular. Tempo, eles têm de sobra. Crédito de celular, nem sempre.

Ela se apressou em procurar uma caneta e um papel para anotar o número do celular. Revirou uma gaveta. Nada. Só tinha revista velha. Até que abriu o armário maior e encontrou uma caneta, um papel e um cartão de banco com a senha anotada num esparadrapo grudado.

Teve que sair para inserir os créditos. Aproveitou para passar no banco e verificar do que se tratava aquela conta. Não acreditou no que viu. Era tanto zero que teve vertigem. – “Será que aquele vagabundo passou a vender drogas em vez de consumi-las?” - pensou.

Já em casa, ligou para o celular. Créditos transferidos, queria saber quando iria participar das gravações. Falaram que ainda não havia data marcada, precisavam discutir com os diretores, toda a equipe, pessoal de cenografia, figurino, etc. Fazer novela não é assim tão simples. Talvez precisassem de mais créditos. Ela disse que não tinha problema. Se precisassem de dinheiro, ela também conseguiria. Um pouco desconfiados, pensaram ser uma armadilha. Desligaram.

Ela voltou a ligar, dizendo que o que estivesse ao seu alcance, ela o faria sem hesitar. Estava muito ansiosa para iniciar o trabalho. Quanto ao figurino, coisa e tal, ela propôs fazer por conta própria. Já tinha até feito um quimono de TNT uma vez. Depois voltou atrás. Achou que não teria tanto bom gosto quanto o pessoal da Rede Globo. Gente profissional. Aí perguntou, meio sem jeito, se dinheiro poderia agilizar todas as negociações. –

Dinheiro? - perguntaram. Um tanto receosos, falaram que sim, dinheiro poderia eliminar algumas etapas, e que todo o montante seria devolvido pessoalmente no dia das gravações. Passaram o número de uma conta.

No dia seguinte, ela nem tomou o suco de laranja, mas ficou fazendo hora para não despertar desconfiança do marido. Foi até o banco. Transferiu uma quantia generosa. Nos dias que se seguiram, continuou a transferir tanto dinheiro quanto o limite para esse tipo de transação permitia. Quando achou que já tinha reunido o seu contra-cachê, voltou a ligar para o celular. Ninguém atendeu.

Ele foi até a empresa. A secretária estava muito furiosa. Falou que ele tinha mexido num dinheiro da empresa que, apesar de estar na sua conta, era para o pagamento de uns fornecedores estrangeiros. Ele nem sabia de nada. Fornecedores... dinheiro... mas percebeu que o assunto era sério. Desta vez, os peitos não desviaram sua atenção. A voz da secretária era firme demais para permitir qualquer distração. As palavras também. Falou que ele poderia perder o cargo e não seria mais o consultor da empresa para a América Latina. Isso foi o pior golpe. Ele falou de contrato. A secretária falou de volatilidade no mundo futebolístico. Ele falou de justiça e de advogado. A secretária falou de ameaça, morte, homicídio parecendo suicídio. Ele entendeu. Ele não era burro. Só tinha alguns problemas. Ele fugiu.

Da empresa, ele passou em casa. Não encontrou o cartão. Pensou que agentes secretos contratados pela empresa tinham ido até sua casa para resgatar o cartão. Na rodoviária, não sabia direito aonde ir. Lembrou-se de

uma tia velha que morava no Rio de Janeiro. Embarcou no primeiro ônibus. Ninguém o encontraria.

Campeonato no presídio garantido. Tinha até troféu com plaquinha gravada. E a maria-louca correndo solto! Ela ligou muitas outras vezes. No dia seguinte, alguém acabou atendendo e, meio bêbado, agradeceu a ela por ter colaborado com o campeonato.

Chegando ao Rio, ele começou a andar a esmo pelos arredores da rodoviária. Não tinha muito dinheiro. Na Central do Brasil se perdeu no meio da multidão. Na verdade, era uma gravação de novela. Último capítulo.

Ela não gostou da história. Tudo acabou em futebol. Placar final: 1x0. Para os presos! Ele passou por figurante. Percebendo onde estava, se apavorou. O chefe da equipe de gravação externa percebeu a dramaticidade na sua expressão facial, captada num *close*. Perfeito! Puro sentimento destacando-se no meio de tantos rostos sem rosto, apenas de figuração.

Última cena. Último capítulo. Acabou a novela.

## “Relações Divergentes”, de Rodrigo Almeida

Karen Conceição

Sob a temática das relações interpessoais e aspirações de um casal, é construído o conto *Relações Divergentes*. A história narra a tentativa de ascensão, obtenção de riqueza, realização pessoal de um casal.

“Ela não entendia nada de futebol. Aquela cena de estádio cheio de homem sem camisa gritando palavras não era compatível com o mundo glamoroso de champagne, joia e piscina que ela estava acostumada a ver pela televisão. Ele não entendia nada de novela. Não conseguia focar atenção mais que cinco minutos em uma novela” (ALMEIDA, 2017).

Como pode ser observado no trecho acima, superficialmente, trata-se de um casal incompatível, já que cada um enxerga o mundo a sua maneira, portanto jamais poderiam dividir as alegrias e os infortúnios. Entretanto, essa sede de querer algo diferente da vida que tinham, independente do que fosse, era o que os unia. Apesar de não dividirem essa aspiração, era o que os mantinham juntos, o não dizer se tornou o que de mais concreto poderia ser dito. Apesar de serem dois pontos distantes, no que tange à motivação de vida, a construção das personagens parece se entrelaçar. “Ela era evangélica. Ele era drogado” (ALMEIDA, 2017). O autor constrói uma relação de completude para um e outro, como se “Ele” precisasse dela para que sua

jornada fosse completa, e “Ela” precisasse dele para que todas as suas futilidades fizessem sentido, afinal, se um ou outro tivesse que dividir algo íntimo, o sentido de algo próprio, individual e particular se perderia. Portanto, “Ela” dava sentido a “Ele”, ao passo que “Ele” completava “Ela”.

Em um tempo cronológico e um espaço alternado entre o interno e o externo da casa do casal, a narrativa percorre a busca desenfreada de “Ele” por se tornar um figurão do futebol e de “Ela” por participar das tramas de suas novelas. O narrador onisciente propõe um caráter de observação ao leitor, por isso, parecemos estar vivendo as angústias do casal. Todavia, o fim era de se esperar, o “não dizer” completa seu papel e se faz fundamental para que nem um nem outro consiga completar sua jornada e, ironicamente, ainda “Ela” se envolver com o mundo futebolístico e “Ele” com os das tramas das novelas.

Sob a perspectiva da disciplina estudada, o conto apresenta uma visão masculinista das personagens, promovendo um estereótipo de gêneros.

“Nesse dia ele foi recebido de uma grande empresa do mundo do futebol. A moça tinha faro para identificar talentos e não hesitou em cercá-lo de atenção, cafezinhos e outros mimos. Além de secretária era amante do diretor executivo da empresa, envolvido em um esquema fraudulento com a FIFA.” (ALMEIDA, 2017).

[...]

“Ela sempre ocupada na sua recriação doméstica da teledramaturgia. Ele ansioso para receber uma

ligação, uma convocação de uma reunião ou outra coisa semelhante, à altura do seu cargo” (ALMEIDA, 2017).

A narrativa reforça os papéis estabelecidos pela sociedade de como ser um “homem” e como se comportar como uma “mulher”. A crítica nos leva a refletir o quanto disso é incutido em nossas mentes e nos forçam a reproduzir tais estereótipos. Afinal, por que uma mulher não pode gostar de futebol e um homem de novelas? Mas a sociedade e a maneira como somos criados nos levam a repetir tais comportamentos, renegando qualquer subversão dessa lógica.

O conto narra, de maneira bem sucedida, uma crítica a esses modelos pré-estabelecidos. Com isso, nos alcança para que repensemos atitudes e ideais da lógica de uma sociedade que oprime tanto homem quanto mulheres, que nos colocam em “caixas” e querem nos obrigar a reproduzir papéis que não favorecem a nenhum gênero, pelo contrário reforçam que homens devem prover e mulheres devem se submeter.

## Mãecida

Rodrigo Almeida

Fazia tempo que eu era feliz. Pelo menos há uns cinco anos. Nem percebia. Ela sempre fazia as minhas tranças, me arrumava o lanche para eu levar pra escola. E, todo dia, ia com uma tristeza feliz, tão doída, tão sentida, só pensando no depois. Nem via a hora de chegar em casa. Contava das brincadeiras, contava da aula, contava do que tinha aprendido. Quando eu aprendia alguma coisa. Às vezes eu só brincava. Ela me contava do dia, do que tinha feito e de tudo o que a gente faria em toda a nossa vida. Era assim. Muito bom. Perfeito demais. Demais. E a gente ia vivendo, eu com meus poucos anos. Ela com outros mais, mas ainda uma criança. Uma criança-mãe. Nem percebia que era feliz. Não dava tempo. E a gente sempre dava risada. E ela nunca brigava comigo. Só às vezes. Nem percebia. A gente fazia muitas coisas juntas. Achava ela linda. Queria ser linda assim. Mas depois que eu fosse grande, linda assim, com certeza que eu iria querer mais. Aí eu já iria querer ser mais velha. Talvez até com cabelos brancos como os dela, que certamente seria assim. É. Talvez. Mas e se não fosse, não teria problema, seria bom de qualquer forma. Não foi. Não consegui ver direito. Nem entendia. Não falavam comigo. Ela não estava mais lá, não como das outras vezes. O que eu mais me lembro é a tampa de pé na parede. Aquela tampa nunca saiu da minha cabeça. Mas era somente uma tampa. Uma tampa de caixão. Não entendia direito. Não falavam direito. Não parecia de



verdade. Como eu iria ser quando fosse velha? Porque eu já sabia como eu seria quando fosse grande. Igual a ela. Mas ela não ficou velha. Então não sei como seria. Paciência. Eu pensava. Pensava. Chorava às vezes. Não falavam comigo. Falava sozinha. Brincava. E sempre nas minhas brincadeiras eu estava com ela. Sonhava também. E sempre nos meus sonhos ela me procurava. Aí eu falava que estava lá, com ela. Que a gente era a gente ainda. Aí acordava. Chorava também. Quando acordava. Mas aí ia pra escola. Era bem tranquilo. Nem aprendia muita coisa. Só brincava. Nem tinha pressa pra voltar pra casa. Mas voltava. Teve dia das mães. Eu sempre gostava do dia das mães. Tomei Nossa Senhora Aparecida como minha mãe. Ela não é mãe de todo mundo? Pra não ficarem perguntando. Falava que ela trabalhava muito. E é verdade. Ela é mãe de todo o mundo. Minha mãe sempre me ensinou. Me ensinou a rezar, também. Eu sabia todas as orações. Mas algumas não me lembrava direito. Rezava a parte que eu me lembrava. Eu não me lembrava mais do rosto da mãe. Às vezes eu ficava muito tempo tentando me lembrar e, quanto mais tempo eu ficava, menos eu me lembrava. Será que ela também tinha esquecido do meu? Um dia o pai falou comigo. Falou que ela era bem legal. Ele me deu um chocolate nesse dia. Um bombom. Sonho de valsa. Ganhei também um batom e cigarro. De chocolate. Eu adorei. Me senti rica com tanto chocolate. Minhas amigas iriam morrer de inveja. De mim. Eu nem contei. Nem iriam acreditar. Nem precisavam saber. Elas iriam pedir um pedaço. Perguntei se ele queria um pedaço. Ele falou que não. Era pra mim. Só pra mim. Falou que ia vir

uma mulher. Ela seria boa. Ele precisava. Não sabia criar menina. Falou que eu já era uma meninona, quase mulher, dali a pouco. Falou que tem coisa que é só de mulher. Ia ser bom. Ele disse. Ela veio. Eu tinha que fritar sonho. E vender sonho. Era um cesto. Pesado. Só quando tava cheio. De sonho. Andava pela cidade inteira. Todo mundo me conhecia. A menina do sonho. Cesto cheio, não ia pra aula. Então tinha que vender. Fui vender na casa do padre. Não comprou. Já tinha tomado café. Não queria. Nunca comprava. Eu ia longe, às vezes. Não tão longe. Tinha que voltar pra me arrumar pra escola. Queimou um dia. Ela falava que sarava quando casava. Mentira. Sarava antes. E logo me queimava de novo. Doía. Na hora do banho. Às vezes, quando dava muita saudade, ficava embaixo da mesa, chamando a mãe. Ouvi isso um dia. Aprendi que quando a mãe demora pra voltar, é só você ficar embaixo da mesa, chamando ela. Era bom. Assim ela não ia conseguir me acertar, embaixo da mesa. Ela gritava. Gritava bem alto. Falava que um dia eu iria sair dali. E quando eu pusesse o primeiro pé pra fora ela me puxaria. Se não fosse pelo pé, seria pelo cabelo. Eu chorava. Porque a mãe nunca voltava. Eu rezava. Nossa Senhora Aparecida devia estar ocupada. Tantos filhos. Eu não gostava dela. O pai falou que era boa. Boa como chocolate. O pai mentiu. Um dia, o pai trouxe uma sacola. Falou pra eu escolher as roupas mais bonitas. Pra frio, pra calor. Pra sempre. O pai me deu. Fui com uma sacola, de roupa. Queria levar o caderno e a caixa de lápis de cor. O pai não deixou. Ia ficar pra filha. Da outra. Clarice era o nome da minha mãe, agora. Era muito legal. Não brigava. Não batia. Me

arrumava o cabelo, que nem a mãe. Contava dela. Contava de mim. Contava tanta coisa legal que a gente ia fazer. Disse que ia me levar no McDonald's. Em São Paulo. A gente ia viajar. Um dia. Eu ouvi na escola. São Paulo. Perguntei onde tava a frigideira. Ela não gostou. Disse que criança não mexe no fogo. Fogo é do diabo. Porque que a outra mandava eu pro fogo? A filha dela não fazia sonho. Só dobrava coberta. Eu pedia pra dobrar coberta. Mão suja de óleo suja a coberta. Ela dizia. Mas a Clarice era boa. Boa demais. Pedi pra chamar ela de mãe Cida. Cida, de Aparecida, de Nossa Senhora Aparecida, minha mãe. Ela gostou. Ela sempre gostava do que falava. Do que eu fazia. Tão boa. Fazia a tarefa. Comigo. Me explicava tudo o que eu não sabia. Um dia veio a mulher do Avon. Tinha até perfume. Mulher bonita usa perfume. Eu perguntei se o perfume era caro. Mãe Cida não gostou. Não era pra menina. Perfume era pra mulher. Mas por que que ela não usava? Acho que é caro. Perfume é coisa de novela. Mas eu queria. Tinha um moranguinho, bem bonitinho, também. Na revista do Avon. Era tipo um batom. Era de criança. Pedi pra mãe Cida. Ela não gostou. Não gostava de nada de mulher. De mulher grande. A gente era pequena. Pequena demais. As minhas irmãs eram lindas. As duas. Todas do coração. Como eu. Mas eu vim primeiro. Mas não era a mais velha. A Kelly era a mais velha de todas. Kelly Kellyane. Nome bonito. Bem bonito. O meu também é. A minha mãe contou pra mim porque escolheu o meu nome. Veríssima. Eu gosto também. Diferente. Ninguém tem. E ele foi escolhido pela minha mãe. Pra mim. Só pra mim. A Vanessa é a mais nova. De

nós todas. Não muito mais nova. Só um pouco. A Vanessa é bem engraçada. A gente ri bastante. A gente pula também. Pinta. Recorta. Cola. A gente inventa o que a gente quer. A gente inventa o que a gente quiser. Só não inventa o que não dá. Não dá pra inventar o que não existe. Ou que não existe mais. Eu gostava da nossa família. Não via mais o pai. Nunca mais soube dele. Ele também não queria saber de mim. Me deu. Eu até gostei. Mãe Cida sempre fazia bolo. Nega maluca. Era só pedir. Tinha Nescau também. Era bem gostoso. Bolo com Nescau. Nega maluca. Com cobertura. Ela fazia gelatina também. De todas as cores. Mas tinha a parte chata. Bem chata. Escovar os dentes. Sempre. Passar fio dental. Cortar a unha. Pentear o cabelo. Estender a toalha. Arrumar a cama. Limpar o tênis. Fazer tarefa. E sem orelha de burro! Só tinha uma coisa que eu fazia escondido. Rezar. Mãe Cida não gostava de reza. Não gostava de igreja, nem de novela, nem de filme, nem do desfile de sete de setembro, nem de ficar conversando na casa da vizinha. Não faz mal. Era uma mulher boa. Tão boa. Tão mãe. Minha mãe. Mãe Cida.

Mãe Cida falou que a gente ia pra São Paulo. Nunca viajei de ônibus. Nunca viajei. Vai muita gente no ônibus. Tem velho, criança, gente grande. O padrinho Alcino tava lá, esperando a gente. Nunca tinha andado no carro do padrinho. Era bonito. Mas não gostei de São Paulo. Grande. Não gostei. E aí, a gente ficou tudo num hotel. É muito legal um hotel. Tem um monte de quarto. Um monte de corredor. Tem gente que carrega a mala. Parece novela. Nesse dia só a Vanessa foi passear com o padrinho. Depois eles voltaram. Pelo menos no McDonald's foi todo mundo. Eu era bem feliz. Comer no McDonald's. Guardei o papel da bandeja. Eu ia mostrar pras minhas amigas. Eu ia levar pra escola. Será que a professora iria deixar eu mostrar lá na frente? Eu só senti um frio na barriga. Em São Paulo. Não gostei muito. A Vanessa não gostou também. Pela cara. Só a Kelly Kellyane. Mas ela é meio abobada. Não conta. Ela fala errado ainda. Mas eu gosto dela. Gosto das duas. Gosto da mãe Cida. Gosto da vida. Só queria ver a mãe. De novo. A gente foi no zoológico também. Era um monte de bicho. Um monte. Até girafa. Não sabia que girafa tinha no zoológico. Ela é muito grande. Ela vê tudo. Será que ela enxerga onde a mãe tá? Tinha elefante. Tinha macaco. Macacos são bem engraçados. Eles parecem gente. Tinha o macaquinho. Parece bebê. Tava no colo da mãe. Legal ficar no colo da mãe. Eu gostava. Vi o jacaré. Mas ele saiu só um pouquinho. Meio desconfiado. Parece que não tem amigo. Papagaio tinha um monte. Mas não sei pra que. Eles nem falavam. Depois ainda tinha sorvete. Depois o padrinho Alcino deixou a gente na rodoviária. O lugar onde tem um monte de ônibus e

onde todo mundo vem, todo mundo vai, todo mundo. Quando acordei já tava chegando em casa. Com frio. Sorte que não tinha tarefa. Só a Vanessa tinha. Ela sempre deixa pra última hora. Louca! Bem louca. Eu não consigo. Aí, depois, banho, Nescau e cama. Gostava da hora de ir dormir. Mãe Cida arrumava a gente. Dava um beijo. Falava que no outro dia a gente ia se encontrar. Daí ela também ia dormir. No quarto dela. Eu sempre tentava não dormir rápido. Eu tinha que rezar. Rezar rápido. Rezar baixo. Pra ninguém escutar. Mas será que alguém escutava as minhas orações? Às vezes eu dormia antes. Nesse dia não dormi. Tinha que me lembrar de tudo que eu tinha visto pra quando eu encontrasse minha mãe eu contar tudo pra ela. Ela nem iria acreditar. Viajar de ônibus! Bem grande. Bem legal. Elas também não tavam querendo dormir. A Kelly Kellyane ficava imitando os bichos. Fez o jacaré. O macaco. Fazia bem igualzinho como o papagaio faz. Até mexer a cabecinha. A Vanessa não falava. Mas também não dormia. Não sei o que que deu na Vanessa. Parece que não gostou do passeio. Ela é chata. Só gosta de futebol. Se deixar, fica o dia inteiro na rua. Mas a mãe Cida não deixa. Cuida muito da gente. Falou que menina é menina. Menina tem roupa de menina. Cheiro de menina. Tem que andar como menina. Mas a Vanessa só faz o contra. Mãe Cida é tão boa, que nem bate. Acho que não adianta. Vanessa é assim mesmo. Depois da festa junina, o padrinho Alcino levou a gente de novo pra São Paulo. Mesmo ônibus. Eu reconheci. Pela cortina. Cortina vermelha. Mesmo hotel. Eu vi pelo tapete grudado no chão. Grudado com cola. A Vanessa não foi desta vez. Bem

feito. Não obedece. Eu queria ir. Mas quem foi foi a Kelly. Depois a gente foi todo mundo comer no Mc Donald's. Eu comi o mesmo sanduíche que tinha comido da outra vez. Sanduíche com coca. Nesse dia não tinha zoológico. Tava meio frio. Tava chovendo também. A gente andou um pouco de carro. Daí o padrinho levou a gente pra rodoviária. Eu vi ele dando um dinheiro pra mãe Cida. Ela quase nunca dava risada. Nesse dia ela deu. A gente foi embora. Em casa, tinha que ser tudo bem rápido. Banho, Nescau e cama. A Kelly não tava igual. Eu acho que a Vanessa sabia. Ela olhou pra Kelly como quem sabia. Eu não sabia. Nesse dia elas não ficaram acordadas até tarde. Eu rezei bem rapidinho. Tava cansada. Queria dormir. Queria sonhar. A gente tinha dentista de manhã. A Kelly é puxa-saco da dentista. Fala que vai ser dentista. A gente briga e ela fala que vai arrancar todos os nossos dentes. Depois ela fala que não vai. Que ela vai cuidar da gente. Quando a gente ficar tudo velhinha ela vai fazer dentadura pra gente. Ela fala. Nesse dia a Kelly nem queria pegar a luva. Mas pegou. Quando eu cheguei em casa, depois da aula, eu vi a luva, pintada de preto. Inteiro de preto. Perguntei pra Kelly se tinha acabado a canetinha colorida. A Kelly começou a chorar. A Vanessa olhou pra ela. Olhou como olhou ontem. Eu hein?! A minha amiguinha pediu pra eu pousar na casa dela. Mãe Cida não deixou. Falou que não conhecia quem morava lá. Que não sabia se tinha gente ruim, que faz mal pra criança lá. Tá bom. Tinha que fazer tarefa. Mas eu não sabia. Mãe Cida me ajudou. Antes do Natal a gente foi de novo pra São Paulo. Já tava calor. A cidade tava linda. Tinha um monte de enfeite.

Uma árvore gigante, toda de Natal. No hotel, dessa vez, quem ficou foram as duas. Também... só ficam aprontando! Mãe Cida falou que eu ia gostar do passeio. Quando o padrinho Alcino chegou, mãe Cida pegou o dinheiro dele. De novo. Acho que ele era bem rico. Tinha muito dinheiro. Tanto dinheiro que até dava um pouquinho pra mãe Cida. Mãe Cida falava que aquilo era pro nosso futuro. Pra estudar, pra ser alguém na vida. A gente saiu do quarto, mas a gente não entrou no carro. Achei que era pra passear. A gente foi pro outro quarto. Do lado. Do lado do quarto onde a gente tava. Eu não entendia direito. O padrinho falava pouco. Na verdade, ele nem falava. Mas ele me olhava. Eu não gostei. Antes que eu gritasse, ele mostrou com o dedo que não era pra gritar. Ele só me olhava. Eu só rezava. Meu zeloso guardador. Seja feita a vossa vontade. Assim como era no princípio, agora e sempre. Mas socorrei as que mais precisarem. Meu zeloso guardador. Seja feita a vossa vontade. Assim como era no princípio, agora e sempre. Mas socorrei as que mais precisarem. Meu zeloso guardador. Seja feita a vossa vontade. Assim como era no princípio, agora e sempre. Mas socorrei as que mais precisarem. Eu não olhava. Depois ele deixou abrir a porta. Corri pro quarto. Pro outro. Mãe Cida tava vendo TV. Propaganda do tal do especial de final de ano do Roberto Carlos. Quando eu entrei, as duas me olharam. A Vanessa e a Kelly Kellyane. Elas só me olharam. Eu chorei. Mas disfarcei, pra mãe Cida não perceber. Ela gostava tanto do padrinho. Ela falava que era pro futuro. Pra gente. Eu não gostava do futuro. Nesse dia a gente não comeu no McDonald's. Eu nem



queria. A gente foi mais cedo pra casa. Banho, Nescau e cama. Vomitei o Nescau. Antes de dormir elas me olharam de novo. A gente sabia. Mas a gente era irmã. A gente era criança. A gente se entendia. Sabia de tudo. Só a mãe Cida que não sabia. Eu não quis nem rezar. Nessa noite eu só dormi. Não queria também sonhar. A mãe vem no sonho. Ela ia brigar. Brigar comigo. Eu só queria dormir. Será que dá pra dormir pra sempre? Não gostava de São Paulo. Não gostava da árvore de Natal. Acho que a reza não adiantava. Quanto mais alto eu rezava, mais ele me olhava. Não consegui me esquecer dele me olhando. Elas também me olharam. Depois. Elas sabiam. Agora eu sei porque elas se olhavam. Antes. Só a mãe Cida que não sabia. Ela só via o futuro. Agora eu queria colo. O colo da mãe. Era tão bom. Ficava bem quentinha. Bem quietinha. Fiquei imaginando que tava no colo. Bem encolhidinha. Bem escondidinha. Queria não lembrar. Lembrar eu já sabia. Fazia assim pra prova. Aprendi a lembrar quando eu queria. Pra prova. Mas e... esquecer? Como a gente aprende a esquecer?

– Que bom que você veio.  
A mãe fica feliz.

– Às vezes eu acho que a Kelly e a Veríssima tiveram melhor sorte.

– Não fala assim. Se você soubesse o que eu passei aqui.

– Se você soubesse o que a gente passou...

– Tiveram que me isolar. As outras detentas falaram que iam fazer um monte de coisa horrível comigo. É o que elas sempre fazem. Gente sem educação.

– Sabia que eu vi você na TV?

– Eu nem sabia o que o padrinho fazia.

– Eu achava que era pra contar história. Num sei...

– Eu vi na TV que você trabalha com direitos humanos.

– Se elas fizessem tudo que você fez com a gente...

– Me ver, na TV, agora, é fácil. Eu queria que você tivesse me visto antes. Quando eu precisava que alguém me visse.

– Mentira!

– Fique com as suas histórias pra você. Fique com todas as histórias inventadas nessa tua vida podre e fedorenta.

- Eu vi na TV que você está prestes a ser solta.
- Por que que você me trata com tanto desprezo? Você não defende os direitos humanos?
- Você fala de direitos humanos, mas esquece dos deveres humanos.
- Eu só queria dar um futuro para as minhas meninas.
- Se queria dar um futuro, por que roubou o nosso passado?
- Eu inventei uma vida pra vocês muito melhor que a vida que eu mesma tive. Eu não tinha nem sonhos.
- E por não ter sonhos, o que te autorizou a fazer da nossa vida um pesadelo?
- Você não entende. Sabia que a mãe também sofreu quando era criança?

- Sabia que você destruiu a criança que tinha na gente?
- A minha vida é que tá destruída.
- E a Kelly?!
- E a Veríssima?!
- Hein?!
- A Kelly Kellyane tinha problema. Você sabe. Vocês mesmas falavam. Lembra?
- Você sabia que a Kelly nem consegue mais falar português? Depois que foi adotada pela família dos Estados Unidos só fala inglês.
- Ela é uma ingrata. Esqueceu tudo que eu fiz por ela.
- Tomara que tenha esquecido.
- A assistente social falou que eu preciso da família para me inserir na sociedade.

– Família?! Vá procurar no inferno!

– Você sempre me odiou.

– Você destruiu a minha vida. Eu invento que tenho um passado, minto que eu tenho família. Sinto nojo por ter te conhecido. Você é um monstro!

– Não, Vanessa! Eu te salvei! Salvei você da tua mãe.

– Você me roubou da minha mãe. É diferente.

– Ela me deu.

– Que história de “ela me deu”...! Se você continuar repetindo isso até você mesma vai acreditar nisso.

– Quando uma mãe deixa uma criança com uma amiga que conheceu há duas semanas e some por outras duas semanas, você interpreta que essa mãe tá dando a criança.

– E aí você me roubou?

– Ela sumiu de novo! Meu Deus! Eu não podia deixar você com ela. Ela era uma puta!

– Se você tivesse ficado com a tua mãe você teria uma vida muito diferente da que levou...

– Eu te tirei da pior vida que você poderia ter.

– Por que você certamente se acabaria como a tua mãe que te pariu! Só por isso!

– Puta porque vendia o corpo dela? E você, que vendia o nosso?!

– E por que você não me deixou ter outras vidas? Qualquer coisa seria mais viva que aquilo que você chamava de vida.

– E me enfiou na pior vida que eu realmente tive! Por que você me roubou?

– E quem disse que seria pior do que o jeito que você acabou com a minha vida?

- Eu sei que você me odeia. E não é de hoje. Você sempre me odiou. Sempre. Desde pequenininha você me olhava com esse olhar cruzado, parado...

- Você nunca me enganou.

- Eu sempre te protegi.

- Você nunca me enganou.

- Você foi abandonada à sorte de qualquer sorte. Eu te resgatei.

- Resgatada pelo demônio.

- A tua vida é abençoada!

- A minha vida é uma anti-vida, roubaram tudo que eu tinha de mim. E essa culpa, só uma pessoa pode carregar.

- Não fale assim.

- Falo como eu quiser!

- É... você fala assim só porque tem dinheiro. Com dinheiro é tudo fácil...

- Fácil? Quer que eu te dê dinheiro pra você ver se é fácil?
- Eu estou ficando velha.
- Sabia que tem gente que não vai ficar velha?
- Sabia que a Veríssima não terá essa sorte?
- Eu preciso de cuidado.
- Eu vou cuidar pra que a tua velhice seja igual ao que foi a nossa infância!
- Eu não tenho mais ninguém...
- Olhe aqui. Olhe aqui o que eu encontrei no diário da Veríssima, um pouco depois de ela morrer.

### **Mãecida**

Da mãe, fui órfã; do pai, esquecida.  
Fiz de Nossa Senhora Aparecida  
A mãe adotiva, cheia de graça.  
Mas veio madrasta, comi desgraça.



Ganhei outra, como Nossa Senhora.  
Pedi pra chamar essa de mãe Cida.  
Não poderia vir em melhor hora.

E tanto bolo e amor até espanta,  
Tendo a alma e o corpo como penhora.  
Lágrimas vermelhas como a da santa...

Mas cuidado com o que vem de graça,  
Mal escondido no susto te abraça!  
Na dor descobri: tudo de mãe Cida  
Só ocultava o seu lado mãecida.

– Eu nem sabia que a  
Veríssima escrevia as  
coisas da vida dela.

– Você nem se  
preocupava com a nossa  
vida.

– Cuidei de vocês com  
tanto carinho. Se eu  
soubesse que o padrinho  
Alcino fazia o que  
disseram que ele fazia, eu  
tinha protegido vocês. Eu  
tinha cuidado de vocês.

– Eu sou tão fragmentada  
que algumas palavras tão  
banais não significam  
nada para mim. Esses  
dias eu tava escutando

uma música do John Denver. Um pedaço da letra dizia *“e naqueles tempos de dificuldade, quando você está na maior parte sozinho, a lembrança do amor vai te trazer para casa”*.

– Que lindo, Vanessa.

– Não sei se é lindo. Não sei o significado das palavras “amor” e “casa”.

– A assistente social falou que é só você que pode me devolver a vida. A vida que me tiraram aqui na prisão.

– E a vida que me tiraram, quem me devolve? Quem me restitui? E quem devolve a vida para a Veríssima? E a Kelly Kellyane, que esqueceu até do português. Você a roubou da mãe dela. Você roubou até a língua-mãe dela.

– Te dei tanto amor...

– Amor?! Não sabia que foi por amor que você me entregou para aquele

velho! Não sabia que era por amor que você me roubou de mim! Não sabia que era por amor que você abusou de nós!

– Você é tão linda...

– Você é um monstro.

– Lembra de quando eu fazia os aniversários pra vocês? Brigadeiro, salgadinho...

– Você envenenou a minha infância com brigadeiro.

– Você gostava tanto.

– Eu chego a ficar paralisada quando vejo um brigadeiro numa festa.

– Você gostava tanto...

– Você sabe o que é gostar?

– Credo, Vanessa! Nem por caridade a uma velha você pode me dirigir um tratamento digno?

– Não fique se vitimizando.

– Não são vítimas quem você defende pelo teu

trabalho com direitos humanos?

– Você, “vítima”?! Só se for vítima-algoz.

– Só você pode devolver a minha vida. Você ainda é jovem. Você tem dinheiro.

– O meu dinheiro é uma parte tão pequena de mim, que é a única coisa que eu poderia te dar.

– Eu já estou velha, Vanessa. Acabaram comigo. Você sabe... depois do escândalo, o padrinho sumiu. Disseram que não iria deixar que nada estragasse a carreira política dele. É sempre assim. A corda estoura pro lado dos mais fracos.

– É quem olhou para o nosso lado?

– Eu não podia fazer nada... O pouco dinheiro que tinha, foi tudo pro advogado.

– E a gente? Pensou na gente?

- Eu tava presa, meu Deus do céu! Mas agora, solta, só preciso de amor, um lar e dinheiro pra tocar a vida. Tudo isso você pode me dar.

- “Amor”, não posso te dar. Não aprendi o que é isso. O meu “lar” é só pra minha nova família. E você não faz parte dela. “Dinheiro”, posso te entregar uma quantia suficiente para você não precisar mais usar meninas para obtê-lo.

- Você cuida de mim?

- Eu não posso cuidar de você. Eu só posso te dar aquilo que você sempre buscou de nós: dinheiro. Aproveite para verificar pelos seus próprios métodos se dinheiro é suficiente para recuperar sua natureza mãecida, mãe Cida!

## “Mãecida”

Pelo próprio autor

Cursar um componente curricular intitulado “Literatura de autoria feminina” foi desafiador para mim. De início, tive que compreender a proposta da literatura de autoria feminina e, na sequência, era preciso produzir um texto ficcional incorporando a teoria sobre a literatura de autoria feminina e tomando o máximo de cuidado para se afastar, o quanto fosse possível, de uma escrita masculinista, evitando, por exemplo, colocar mulheres que só falam de sentimentalidades, um dos estereótipos da escrita feminina.

Como foi a minha primeira experiência de escrita mais consciente do sentido de não reproduzir os padrões que subjugam a mulher na literatura, o processo todo não foi fácil. Inicialmente, esbocei rapidamente o projeto do texto, definindo personagens, temas a serem abordados, espaços, etc. Na sequência, já iniciando a escrita, houve uma tentativa de fazer surgir um texto que estivesse alinhado às teorias da literatura de autoria feminina. Parecendo tarefa muito árdua e com a sensação de que o processo estava um pouco truncado, deixei as próprias personagens tomarem os seus rumos por conta própria, naquele tão conhecido processo de autonomia do personagem em relação ao criador, embora esse “livre arbítrio” seja um livre arbítrio assistido (pelo autor).

Como todo trabalho de escrita, parti das minhas quase infinitas observações da existência humana. Revirei

o meu catálogo de frases, expressões, olhares e intenções, encontrando (ou tentando encontrar) o melhor enquadramento para cada personagem, de modo a compor uma história com relativa profundidade dramática e com alguma verossimilhança.

Mas como falar de mulheres sem recorrer à armadilha dos determinismos, que apenas reafirmam a dominação masculina e de nada servem para transpor certos padrões de valor? Era preciso recuperar as vozes sociais de mulheres, não se restringindo apenas às sentimentalidades e sem ser panfletário. Falar sobre meninas (mulheres em formação) em situação de abuso foi uma das formas de facilitar o processo de escrita, por ser mais fácil aprofundar a descrição de personagens em conflito.

Nesse contexto, surge Mãecida, uma história que mostra o abuso de três meninas: Veríssima, Kelly Kellyane e Vanessa. Veríssima (prot)agoniza a história, tendo que se reinventar a cada nova guinada da sua vida. Ela perde a mãe aos cinco anos, é explorada e maltratada pela madrasta e abusada pela sua segunda “mãe adotiva”.

A estrutura da narrativa abandonou o rigor, a norma e a correção, afastando-se dos padrões masculinistas de literatura. Para a construção da protagonista, Veríssima, foi preciso tentar um exercício de alteridade, buscando entender o que (e como) sente uma menina de oito anos quando é abusada. Extingue-se, portanto, a figura do narrador onisciente. A história se dá a partir da fala das próprias personagens falando de si mesmas (personagens autoras de si mesmas).

No entanto, um narrador não some, assim, tão facilmente. O exercício da escrita, mesmo que partindo diretamente das vozes das próprias personagens é um exercício de narração. O mais adequado, portanto, é falar de narrador oculto, já que a seleção de falas e a ordem e o encadeamento dos acontecimentos foram deliberadamente escolhidos por mim.

Por fim, só é possível uma literatura de autoria feminina quando se problematiza a linguagem. Isso justifica o uso de diferentes estruturas para organização do texto. A primeira parte, em bloco, aproxima-se da língua falada, com repetição de estruturas e uma rápida alternância de ideias. A divisão da segunda parte, em dois blocos (um à esquerda e outro à direita), remete à estrutura dramática, em que os diálogos vão se encadeando à medida que o texto avança. Em vários trechos, sobretudo na primeira parte, o texto recorrentemente apresenta algumas supostas ambiguidades, perturbando o referenciamento do leitor em relação a cada passagem. Por vezes, é difícil saber se o que está sendo falado é em relação ao trecho anterior ou ao que está por vir. Essa névoa, perturbadora para alguns, foi uma estratégia discursiva usada para demonstrar a constante perda de referência sentida por Veríssima.

E assim o texto foi criado, previamente planejado, racionalmente construído, mas que, em algum momento, se perdeu nas próprias tramas das personagens, para minha sorte, porque o mais importante é o que a gente não percebe.



## OS AUTORES



NA SALA DE AULA



NO CAMPUS

## Referências utilizadas para o componente curricular, Literatura de autoria feminina.

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. Martins Fontes, São Paulo, 2003.
- BOUDIER, Pierre. *A dominação masculina*. 2.ed. Rio de Janeiro. Bertrano do Brasil. 2012.
- CÂNDIDO, Antônio (Et al.). *A personagem de ficção*. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão linguística*. 5.ed., reformulada. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- DEL PRIORE, Mary (Org.) & PINSKI, Carla Bassanezi (Coord. textos). 10.ed. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.
- GRAMSCI, Antonio. *Literatura e vida nacional*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- JAUSS, Hans Robert. *A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- RIBEIRO, Luis Filipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fundação Biblioteca Nacional, 2008.
- VIDAL, Marciano. *Feminismo e ética: como "feminizar" a moral*. Tradução de Maria J. Rosado. Edições Loyola. São Paulo, 2005.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

O nó na minha garganta vai diminuindo. Palavras juntam-se, grudam-se, atropelam-se umas por cima das outras. Não importa quais sejam. Empurram-se e trepam uma nos ombros das outras. As isoladas, as solitárias acasalam-se, cambaleiam, multiplicam-se. Não importa o que digo. Como um pássaro a esvoaçar, uma frase cruza o espaço vazio entre nós. Pousa nos lábios dele.

[Virginia Woolf, As ondas]



**Pedro & João**  
editores  
[www.pedroejoaeditores.com.br](http://www.pedroejoaeditores.com.br)

ISBN 978-85-7993-461-2

